

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação

Marina Seneda

**POR QUE NÃO FREINET NA ESCOLA PÚBLICA?**

Campinas  
2012

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação

Marina Seneda

## **POR QUE NÃO FREINET NA ESCOLA PÚBLICA?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Educação da UNICAMP, para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob orientação da Professora Doutora Maria Teresa Eglér Mantoan.

Campinas  
2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**  
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Se56p Seneda, Marina, 1989-  
Por que não Freinet na escola pública? / Marina  
Seneda / Érica Caria. – Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Maria Teresa Égler Mantoan.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –  
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de  
Educação.

1. Freinet, Método de educação. 2. Educação  
alternativa. 3. Gestão democrática da escola. I. Mantoan,  
Maria Teresa Égler, 1943- II. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

12-257-BFE

Campinas, 14/11/2012

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan

ORIENTADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Débora Mazza

SEGUNDA LEITORA

Dedico este trabalho aos meus pais, dos quais eu sinto e sempre senti imenso amor! Vocês foram maravilhosos nestes 23 anos, na intenção de me amar e me educar. Este trabalho é uma materialização de todo apoio, encorajamento e incentivo que recebi. De vocês, pra vocês!

Dedico a todos os educadores comprometidos com a vida, o sentido e a livre expressão das crianças!

Em igual importância, dedico àqueles que ainda tem medo, insegurança e pé atrás para confiar nelas...

Ora vamos! Pés à frente, nem o direito nem o esquerdo: os dois juntos, num salto!

## AGRADECIMENTOS

Sou grata à queridíssima professora Maria Teresa, que coloriu meu caminho com suas pegadas, além de haver me apresentado ao professor Freinet! Quanta esperança pude ver pelos seus olhos, professora! Te guardarei comigo, como um retrato de poesia!

Agradeço à professora Débora Mazza, que aceitou ser minha segunda leitora, me ajudou no questionário de entrevista e sempre foi muito atenciosa comigo! Te admiro por sua inteligência e dedicação ao trabalho de docência!

Agradeço à professora Ana Flávia, pois, apesar de não tê-la entrevistado, nem nunca tê-la visto, foi parte fundamental para a escolha do presente tema. Já me sinto unida a sua luta.

Agradeço ao Daniel Nascimento pela dica de estágio, sem a qual essa pesquisa não seria a mesma. E agradeço também às colegas de classe Jéssica e Lizandra, que juntamente ao Daniel manifestaram tanto interesse em ler meu TCC que me interessaram ainda mais em escrevê-lo!

Agradeço demais, muito mesmo (nossa, e quanto!) a Lôyde: você foi "A" peça chave pra esse trabalho escrito finalmente começar a ser escrito! Eu prometi fonte 42, mas pensando bem eu te mencionaria aqui em fonte 84! (Só não o fiz porque não coube mesmo, juro que não...).

Agradeço a Cris Martins, pela força que me deu no Google Docs, por ter emprestado em seu nome todos os livros que precisei, por ter escaneado todos os meus desenhos e pela companhia que alegrou meus dias mais densos. Põe na conta da eterna dívida...

Gracias a Fernando Pujaico, por me emprestar sua sala, seu supercomputador e sua companhia! Gracias também por todos os conselhos que me deu. Aprendo muito com você!

Agradeço de coração a Fernanda Guassi, por todo o apoio, encorajamento e sorriso de sempre! Fico muito agradecida pelo Ginseng, cujo chá me manteve acordada nas madrugadas; prolongando assim não só meu tempo como também minha dívida!

Agradeço a Ana (a pessoa mais compreensiva que eu já conheci!), que, aliás, foi quem deu o Ginseng pra Fernanda. Obrigada pela vontade sincera em ler este trabalho! Seus olhos são sempre muito bem-vindos e seus conselhos também...

Agradeço ao Hugo, por meio de quem vim a conhecer o documentário "Escolarizando o Mundo – o último fardo do homem branco"; o qual muito me ajudou a firmar esta pesquisa.

Agradeço a Luana Bauman e Aline Moura, que me emprestaram seus respectivos notebooks, muito eficientes e fundamentais pras linhas finais deste trabalho! Também agradeço a Bia e a Débora, pela companhia e pela laranja descascada! Foi muito bom dividir o mesmo teto com todas vocês!

Agradeço ao querido Jota Jota, pelo incentivo em concluir este trabalho! Ainda não é o livro (aquele), mas já dedico o que escrevo pra você!

Agradeço à diretora Regina Valverdi, pelo maravilhoso acolhimento sem igual! Encantei-me com a simpatia de todos os demais funcionários, sem exceção!

Agradeço, por fim, às professoras Silvinha e Zirlene, simpaticíssimas! Sem vocês nada disso seria possível! Parabéns pelo lindo trabalho que realizam! A vocês meu grato abraço e minha grande admiração!

Obrigada Amado Deus! Consegui! Junto a ti, todos os dias batalhando, consegui!

"É quase um milagre que os modernos métodos de instrução ainda não tenham estrangulado completamente a sagrada curiosidade da investigação, porque o que essa delicada plantinha mais precisa, além de um estímulo inicial, é de liberdade."

Albert Einstein (1879-1955)

"A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão."

Paulo Freire (1921-1997)





## SUMÁRIO

Prefácio.....	9
Introdução.....	10
I. O QUE, AFINAL, INTERESSAVA A FREINET?.....	13
1.1 As teorias que embasaram a Pedagogia Freinet .....	14
1.2 As técnicas que abriram caminhos.....	17
1.3 A origem das técnicas.....	18
1.4 Alterações das técnicas.....	21
II. FREINET NA EMEI AGOSTINHO PATTARO.....	24
2.1 As técnicas entre os professores.....	24
2.2 As práticas pedagógicas das professoras Freinet.....	27
2.3 Possibilidades e limites.....	37
III. AS RELAÇÕES DO “PROFESSOR ALTERNATIVO” .....	40
3.1 Entre as professoras Freinet.....	43
3.2 Entre os outros professores.....	45
3.3 Com a diretora e a orientadora pedagógica.....	48
IV. O QUE DIZEM OS “DE CIMA” .....	49
V. ESCOLA DEMOCRÁTICA?.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
Um encontro inesperado... ..	61
Depois de tudo, o que ficou... E o que virá!.....	62
REFERÊNCIAS E FONTES.....	65

## Prefácio

Quero iniciar este trabalho contando comigo! Eis aqui palavras e mais palavras... O que eu mais preciso de mim, porém, são atitudes! Por isso, já explico o que eu tanto me responsabilizo entre essas linhas: pela educação, pela vida, pelo novo, pelos novos. E convido você, que me lê, a se responsabilizar também. Sinta-se culpado junto comigo; e também sinta-se inspirado, junto comigo.

De minha parte, faço afirmações rígidas, urgentes, porque preciso fazê-las. Quanto a você: discorde, questione, concorde, exclame. Mas não fique indiferente!

Gosto muito de frases. Neste trabalho me atrevi a usar muitas frases sem fazer referência bibliográfica da maioria, apenas citando o nome do ser humano que a pronunciou. Acredito que a (in)segurança de uma referência não altera o que está dito. Alguém falou; se foi assim ou não bem assim, uma coisa é certa: eis a frase. Reflitamos...

Houve vezes em que achei por bem criticar/comentar fora de parágrafo, dentro dos quadrinhos. Então desenhei, tentando me expressar para além das letras (como fazem algumas crianças daqui). A favor e contra os desenhos estará sua interpretação. Daí você que se vire! Eu não tenho nada com isso, e ao mesmo tempo tenho tudo, sem dizer.

Às vezes irreverente, fora da linha, não-acadêmica. Cometi surtos poéticos! Mas é isso aí. Estou tentando acenar daqui do outro lado da tela, da folha. Consegue sentir?

Deixo pistas (como gostam de fazer as crianças daqui).

As “crianças daqui”, na verdade, estão muito mais pra lá do que pra cá. Eu que trouxe alguns pedacinhos de vida, de algumas vidas, até “aqui”. Aqui não é o lugar delas. Nem o meu. Estou doida pra ir pra “lá”, onde me esperam sem saber, talvez sem nascer...

Faço o sacrifício. Por isso é pra valer a pena, as penas, as asas, os vôos e os ventos.

Agora que eu já penei, dias, semanas, meses, vou me aconchegar no ninho mais próximo (será que chego lá?) enquanto você pode ler tudo o que eu juntei de palavra, de imagem e de sentimento.

Fique à vontade.

# Introdução

O que me motiva a iniciar este estudo é uma certeza: quero ser professora. Mas não quero imitar nem limitar este “ser professora”. Quero inventar um ser professora. Quero. Isso tudo envolve o querer, que nem chamo de “força de vontade”, mas sim de vontade de força! Porque forçar a vontade é bem diferente de ter vontade de ser forte...

"A força não procede da capacidade física. Procede de uma vontade inquebrantável." (Mahatma Gandhi).

“Há uma força motriz mais poderosa que o vapor, a eletricidade e a energia atômica: a vontade.” (Albert Einstein).

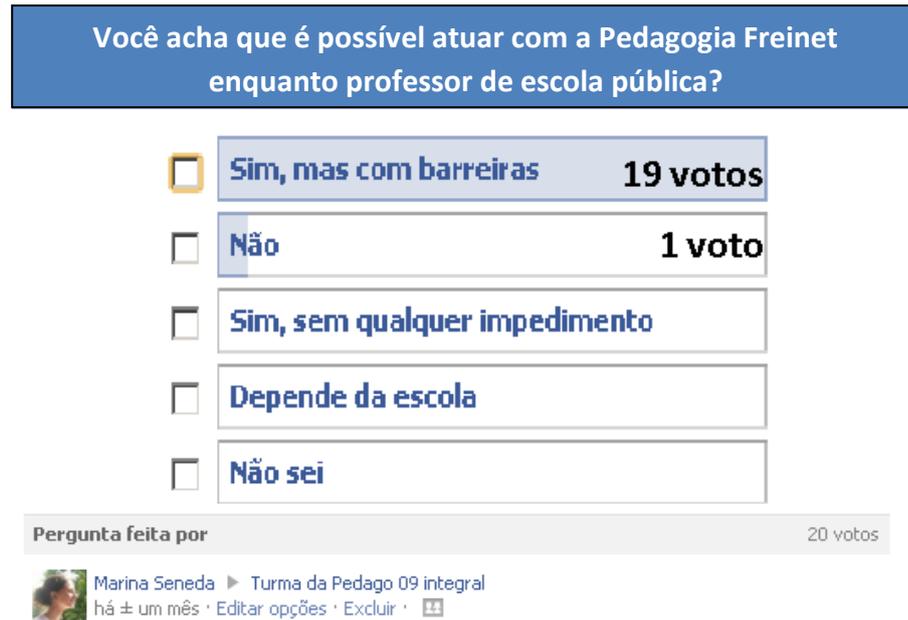
Tenho vontade de ser forte no que acredito. E acredito que Célestin Freinet trouxe boas idéias para quem quer atuar dentro de uma Pedagogia significativa. Fitei meus olhos em Freinet e eles brilharam. E agora? Será possível? É permitido? Até onde me permitem ir?

Entre dúvidas e tensões, quis fazer essa pesquisa. E a fiz, com o consolo e a esperança de que, tanto eu quanto você, precisamos fazer aquilo que pensamos não ser capazes de fazê-lo. Como dizia Eleanor Roosevelt, “a melhor maneira de prever o futuro é inventá-lo. Nada de grande se cria de repente. O importante é isto: estar pronto para, a qualquer momento, sacrificar o que somos pelo que poderíamos vir a ser. Ria e o mundo rirá com você. Chore e você chorará sozinho.”

Realizei a seguinte enquete<sup>1</sup> com meus colegas do curso de Pedagogia: “Você acha que é possível atuar com a Pedagogia Freinet enquanto professor de escola pública?”. 19 colegas responderam que “Sim, mas com barreiras”, e 1 respondeu que não, não achava possível. Nenhum deles escolheu como resposta os itens: “Sim, sem qualquer impedimento” e “Depende da escola”.

---

<sup>1</sup> Facebook - Turma da Pedago 09 integral - 17 de outubro às 23:02.



Assumo que essa enquete está um tanto falha, pois generaliza a escola pública e fragmenta a Pedagogia Freinet. De que escola pública e de qual pedagogia estamos falando? Em que tempo e em que espaço?

O que os 19 colegas entendem por uma pedagogia desenvolvida com barreiras? Haveria o uso de algumas técnicas, mas não de todo o método? Seria um ideal limitado devido às circunstâncias? Deveria ser limitado? E o que o colega que respondeu negativamente pensa a respeito? Seria uma pedagogia que, levada a sério, estaria fora do alcance e do interesse do sistema público de educação?

Por que não Freinet na escola pública? Por que não o novo onde impera o tradicional? E que novidade é essa? É necessária? É apenas uma alternativa?

Corre-se um grande risco em contrapor a pedagogia tradicional a uma educação cujo rótulo é “pedagogia alternativa”, pois se acaba fixando qualquer contestação ao tradicional a uma simples opção, marginalizada, minoritária; sendo que Freinet vai falar da urgência em acabar com a escola tradicional fazendo assim uma “verdadeira correção pedagógica racional, eficiente e humana”. Tanto é que ele define escola tradicional no passado:

Tecnicamente falando, a escola tradicional *era* centrada na matéria a ser ensinada e nos programas que definiam essa matéria, precisavam-na e hierarquizavam-na. Cabia à organização escolar, os professores e os alunos, que se submetessem às suas exigências. (FREINET, 2001, p. 9).

Diante dessa definição, seria um grande equívoco pensar que a escola permaneceu tradicional desde que existe escola? Pensando na educação brasileira: várias influências se acumularam na escola como a conhecemos hoje, como, por exemplo, o movimento da Escola Nova, a Psicologia Comportamental e Psicologia do Desenvolvimento.

Contudo, essa educação multi-influenciada ainda apresenta incoerências entre teoria e prática, principalmente quando se *fala* em autonomia da criança. É como se trocassem a música, mas não inventassem outra dança. Pintam-se as paredes com desenhos infantis, mas não se derrubam os altos muros. Não (des)constroem-se escolas novas!

Então reclamações como “na teoria é uma coisa, na prática é outra” são na verdade consequência e causa de atitudes práticas que não acompanham os novos discursos. Que novos discursos? Os que, em suma, protestam contra o adultocentrismo. É isso: falar de educação tradicional é falar de um adultocentrismo tradicional.

A escola [...] tem os seus imponentes e seculares caminhos, que escritores, sábios, administradores eminentes disseram ser caminhos da verdade: nada de fraqueza afetiva! Manter a lei! Habituar os alunos a obedecer, mesmo, e, sobretudo, quando a ordem dada contrariar suas tendências e desejos. (FREINET, 2000, p. 7)

Localizei, no tempo e no espaço, uma escola pública para estudo de caso. A escolha da escola se deu a partir do (re)conhecimento de uma “professora Freinet”, através do estágio em Educação Infantil (EP913A - Estágio Supervisionado IV - Educação Infantil), no segundo semestre de 2012. Levei minha pergunta de pesquisa para a EMEI Agostinho Pattaro, em Barão Geraldo, no município de Campinas/SP: como é desenvolvido o trabalho com a Pedagogia Freinet nessa escola pública?

## I. O QUE, AFINAL, INTERESSAVA A FREINET?

As crianças precisam de pão e de rosas. O pão do corpo, que mantém o indivíduo em boa saúde fisiológica. O pão do espírito, o que chamamos de instrução, conhecimento, conquistas técnicas, esse mínimo sem o qual se corre o risco de não conseguirmos a desejável saúde intelectual.

E as rosas também – Não por luxo, mas por necessidade vital (...)

As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito, mas necessitam ainda mais do teu olhar, da tua voz, do teu pensamento e da sua promessa. Precisam sentir que encontraram, em ti e na tua escola, a ressonância de falar a alguém que as escute, de escrever a alguém que as leia e as compreenda, de produzir alguma coisa de útil e belo que é a expressão de tudo o que nelas trazem de generoso e superior. (FREINET, 2000, p. 104).

Antes de qualquer *coisa*, Freinet não é uma pedagogia ou um conjunto de técnicas. Freinet é uma *pessoa*: Célestin Freinet, nascido dia 15 de outubro de 1896 (dia dos professores no Brasil por pura coincidência!), no sul da França. E, como uma pessoa, nasceu, conheceu o mundo, deixou sua contribuição, e se foi. Entre conhecer o mundo e deixar sua contribuição está o que ele construiu, agregou e gerou de práxis.

Agrada-me o conceito de práxis de Karl Marx, como sendo a união da teoria com a prática, atendendo à necessidade de sair da teoria, mas sem abandoná-la.

Considero que Freinet saiu da teoria como um rio sai da nascente: percorrendo livre e espontaneamente, mas sempre submerso.

Ocorre que quando percorreu pelo seu caminho, encontrou e confirmou tendências pedagógicas de sua época. E, com a tentativa de assegurar o mesmo caminho fluido (sem barreiras, pra correr solto) a outros professores, considerou algumas premissas básicas da educação: as Invariantes Pedagógicas, organizadas sob três diferentes aspectos: a natureza da criança, as reações da criança e as técnicas educativas. (SAMPAIO, 1989, p. 81-99). Nessas invariantes Freinet declara firmemente sua oposição aos castigos, às imposições autoritárias, à passividade, à falta de sentido; procurando estabelecer na educação a democracia, o trabalho, a disciplina, o respeito e a liberdade de escolha.

Em um primeiro momento, trato de compreender as teorias das quais Freinet se aproximou para formular seu conjunto de 30 Invariantes Pedagógicas.

Em um segundo momento, abordo os aspectos técnicos de sua prática, assim como as possíveis e devidas variações das técnicas.

### **1.1 As teorias que embasaram a Pedagogia Freinet**

Célestin Freinet não foi apenas o precursor de idéias inovadoras para a educação de seu tempo. Ele foi, antes de tudo, um professor do bom senso.

Quando começou a ser professor, em 1920, o movimento da Escola Nova estava em larga expansão pela Europa. Envolvido pela proposta de uma escola ativa, Freinet deu ouvidos a Ferrière, o qual defendia a atividade espontânea, pessoal e produtiva da criança, partindo de suas atividades manuais e construtivas; suas atividades mentais; afeições, gostos predominantes. Freinet concordou que estes deveriam ser pontos iniciais da educação.

Freinet também assumiu para a sua conduta o que afirmou Decroly, criador dos Centros de Interesse: “a criança é que nos deve conduzir”.

Tanto Decroly quanto Montessori almejavam tornar o aprendizado mais interessante e adequado às várias etapas do desenvolvimento das crianças. Afastavam-se dos métodos tradicionais ao estudarem a psicologia infantil, mas afastavam-se também de Rousseau e Pestalozzi, criticando o caráter espontaneísta das propostas destes pensadores, os quais haviam sido autores inspiradores do movimento escolanovista, em seu início.

Os pedagogos mais conhecidos da primeira metade de nosso século preferiam associar o ensino ao trabalho e aos jogos, procurando assim dar um sentido ao aprendizado. Porém se esquivavam de questionar a *essência* da educação quando passavam a se dedicar apenas ao desenvolvimento de atividades didáticas específicas, que atraíssem o interesse infantil (SINGER, 2010, p. 75).

Mas Freinet não estava preocupado apenas em tornar o aprendizado mais atrativo, e sim em formar o ser humano em seu máximo de pujança. E, acordando com Pestalozzi: Freinet trazia para seu trabalho a preocupação com a felicidade e aposta na humanidade, na bondade natural do ser humano. Neste sentido, Pestalozzi atuou na trilha aberta por Rousseau, mas distinguiu-se dele por sua

praticidade, dando bastante atenção para a personalidade da criança. Sua hipótese de que toda criança possuía um “bom fundo” sugeria uma educação não repressiva, não firmada sobre o medo. Sua pedagogia previa o acompanhamento do interesse e da curiosidade infantil (SINGER, 2010, p. 76).

Pestalozzi tinha confiança na criança e acreditava na sua capacidade, assim como Freinet. No entanto, não podemos considerar Pestalozzi um educador da escola democrática, uma vez que ele não propunha a participação das crianças nas decisões das instituições que dirigiu e tampouco a liberdade delas em optar por assistir às aulas ou não.

Já Freinet não só confiava na criança como também defendia sua participação democrática nas decisões e no processo de sua formação. Afirmou em sua invariante nº1 que adulto e criança têm a mesma natureza. Portanto, é uma pedagogia que pretende “passar ao máximo a palavra à criança, proporcionando-lhe, individual e cooperativamente, uma iniciativa máxima no âmbito da comunidade, esforçando-se mais em prepará-la que em dirigi-la.” (FREINET apud SAMPAIO, 1989, p.83).

Freinet afirmava que "a democracia de amanhã se prepara na democracia da escola". Esta escola democrática, completamente essencial para a educação, foi proposta alicerçada na **disciplina**.

Somos, por conseguinte, partidários da disciplina escolar e da autoridade do professor, sem os quais não poderia haver nem instrução, nem educação. Mas a forma de autoridade e de disciplina que recomendamos, a forma como podemos chegar a elas, eis o que é preciso determinar. (FREINET, 1975, p.47).

Existe uma certa disciplina necessária para a convivência dos grupos mais ou menos bem organizados. As crianças compreendem-na, aceitam-na, praticam-na, organizam-na; elas próprias sentem essa necessidade. É esta disciplina que devemos procurar. (FREINET apud SAMPAIO, 1989, p. 83).

Em busca da organização e disciplina necessárias ao trabalho de toda a comunidade escolar, Freinet foi quem primeiro sistematizou a idéia das assembleias de classe. Em um gesto simbólico, Freinet retirou o estrado de sua cadeira de

professor e passou a sentar-se junto de seus alunos! A relação tradicional entre professores e alunos começava a se modificar.

A importância dessa relação, para Freinet, não se restringia à importância dada pela psicologia (Piaget e Vygostisky) que começava a ganhar força com o movimento da Escola Nova. Revelou-se até mesmo contra a corrente da psicologia e da pedagogia de sua época. Contrariando as novas formas de pensar a infância, afirmou a invariante que “não é o **jogo** que é natural na criança, mas sim o **trabalho**.” (FREINET apud SAMPAIO, 1989, p. 87, grifo meu).

Portanto, a importância da relação professor/alunos para Freinet se assume através do trabalho. A respeito do trabalho, Freinet foi inspirado nas idéias de Marx, que o considera como a ação maior do homem, no qual este se identifica e realiza. Por esse fato, Freinet defende que o trabalho deve ser o centro de toda a atividade escolar, por ser a força que move todo o ser humano, que dá sentido e finalidade à vida e o que desenvolve todas as suas potencialidades, pessoais e sociais.

Freinet acredita que quando o trabalho é estruturado de uma forma democrática e comunitária, determina o envolvimento de todos os membros da comunidade em objetivos comuns, favorecendo o surgimento do sentimento de coletividade.

Como pedagogo, direcionou sua pedagogia em favor de uma Escola do Povo, que participa da luta por uma mudança nas estruturas sociais. Portanto, as propostas pedagógicas socialistas, que ganharam espaço na primeira metade do século XIX, influenciaram seu pensamento, caracterizando-o enquanto pedagogo humanista, como também político e militante.

O modelo pedagógico e educativo de Marx e Engels introduziu na pedagogia contemporânea pelo menos duas propostas que podem ser consideradas revolucionárias: a referência ao trabalho produtivo, que se punha em aberto contraste com toda uma tradição educativa intelectualista e espiritualista, e a afirmação de uma constante relação entre educação e sociedade, que se manifestou como consciência de uma valência ideológica da educação como projeto “científico” de uma “sociedade liberada”, também no campo educativo. (CAMBI, 1999, p. 485).

O professor Freinet também passou a afirmar que os manuais não correspondiam às necessidades de expressão das crianças; os conteúdos das

cartilhas nada tinham a ver com a vida das crianças, não traziam nenhum estímulo. Antes, para as pesquisas em sua escola, recorriam ao trabalho de biblioteca, de documentação crítica, de argumentação pessoal, as quais são a base de uma pesquisa crítica.

Vale destacar que Freinet defende uma educação pelo trabalho e não para o trabalho, pela vida e não para a vida. Uma educação assim dispensa ameaças: faz convites; dispensa o silêncio: faz assembléias; dispensa o ócio: faz, o tempo todo.

Com essa forma de fazer valer a educação, a Pedagogia Freinet faz da escola uma casa ativa, com quatro pilares – divulgados mundo a fora por Célestin. São eles: cooperação, comunicação, afetividade e registro. Esses pilares abrigam uma pedagogia que nos afasta de duas tendências dominantes: a infantilização - que deixa a criança aquém de suas possibilidades - e o "escolarismo", que quer tanto preparar a criança para o amanhã, nunca para o hoje.

## 1.2 As técnicas que abriam caminhos

É comum se fazer referência às práticas de colaboradores da educação desta maneira: “o método de Piaget”, “o método de Emília Ferreiro”, “o método de Freinet”. A princípio, eu ficava incomodada com a palavra “método”, pois me parecia um termo “engessador” - e por sua vez, “engessador” me parecia armadilha do conservadorismo. Mas quando descobri o significado da palavra método pude refletir a respeito. Método vem do grego *methodos*, que significa literalmente "caminho para chegar a um fim". Pode ser interpretado como a maneira de conduzir um pensamento ou ação para alcançar um objetivo; ou ainda, como o disciplinar do pensamento e das ações para obter maior eficiência no que se deseja realizar.

Isso me lembrou da Advertência que consta antes da Introdução de Para uma Escola do Povo, quando Freinet começa dizendo que o que ele fez foi desbravar um caminho para escalar uma montanha. Encontrou atalhos. Mas deixou claro que isso não significava limitar os demais professores ao caminho que ele abriu. O objetivo maior, o pico da montanha para Freinet era chegar à “máxima pujança do indivíduo”, à dignidade máxima do ser humano. Este, para ele, é o fim do caminho, o método. (É como eu entendo a música: uma imensa floresta, a qual podemos conhecer por vários caminhos, sendo cada percurso uma melodia diferente. Já existem

maravilhosas sinfonias bem movimentadas, mas isso não torna as possibilidades de composição menos infinitas).

E a técnica, continuando na metáfora de Freinet, seriam todas as ferramentas utilizadas para abrir caminho e/ou tornar possível a passagem. Em termos mais abstratos, a técnica está ligada às formas de apresentação imediata da matéria; técnica indica o modo de agir, objetivamente, para alcançar um objetivo.

Portanto, na Pedagogia Freinet há método? Sim. Há técnicas? Também. Mas dizendo mais amplamente, na Pedagogia Freinet há uma montanha, e há um pico. Mas a pergunta preferida de quem acaba de chegar a um mundo-montanha é: “o que é?”. Querem definições. “O que é a Pedagogia Freinet?”, já vários me perguntaram entrando no assunto do meu TCC - e a resposta foi sempre desastrosa. Mas finalmente encontro uma resposta em suma, abstrata até a alma: parafraseando o Célestin, a Pedagogia Freinet é a vida se preparando pela vida<sup>2</sup>.

### 1.3 A origem das técnicas

Para Freinet, suas ferramentas e seus caminhos somavam-se para um objetivo maior: formar cada ser humano integralmente. Por isso, todas as técnicas teriam de servir como instrumento de libertação das diversas potencialidades humanas. Desbravando esse caminho, Freinet estabeleceu novas relações entre alunos e professor, e entre alunos e meio ambiente.

O que ele procurava acima de tudo, era que todas as crianças fossem satisfeitas em suas diferenças de inteligência, caráter e posição social (Sampaio, 1989). Neste sentido de unidade, ele queria encontrar técnicas que pudessem ser utilizadas por todos, numa linha de interesse global da classe.



Em “Freinet - Evolução Histórica e Atualidades”, Sampaio (1989) faz uma narrativa das técnicas do pedagogo de forma que podemos perceber o quão natural foi o processo de elaboração dessas técnicas. É inspirador compreender como uma

<sup>2</sup> “A vida prepara-se pela vida” – Célestin Freinet.

necessidade foi levando à outra, como se Freinet apenas dissesse *sim* à vida, e então a pressão do ar reativassem seus pulmões<sup>3</sup>.

Como tudo começou. Aldeia de Bar-sur-Loup, sul da França, 1920. Era uma vez (e quem dera fosse apenas uma a vez), um currículo que exigia “a hora da leitura obrigatória”. Todos os dias, todos deviam acompanhar a indicação que o professor fazia de todas as sílabas no quadro negro e, em conjunto, falar em voz alta qual era a sílaba - ou seja “ler”. Então, o jovem e bem intencionado professor Célestin, ferido de guerra, com seus pulmões afetados por gases tóxicos de maneira irreversível, sentindo uma falta de ar além da que de costume, indagou-se acerca das horas-obrigatórias-de-leitura: “Qual o objetivo? Que aprendam a ler?”. E pensou. Então o professor Freinet “desobedeceu” o método curricular nacional para alcançar o objetivo proposto com uma nova técnica de aprendizagem da leitura. E qual foi essa técnica? Ora, ele percebeu que partir do elemento mais simples (letra) para a frase não trazia resultado efetivo. Ao final as crianças liam as frases sem compreendê-las. Não havia sentido, apenas silabação mecânica, sem qualquer interesse.

Notou que a própria sala fora feita para abafar qualquer interesse das crianças. Foi então que o professor saiu para passear com seus alunos pela aldeia. E a turma encontrou e conheceu tantas coisas que todos voltaram com imensa vontade de contar o que viveram. Foi então que o professor lhes apresentou o texto como forma de contar sobre a vida. E assim o professor Freinet se aproximou de sua primeira turma, como também aproximou a realidade da escola à realidade da comunidade.

Bem, essa foi apenas uma ilustração minha do nascimento da primeira técnica: a Aula-Passeio. Prosseguindo...

O professor viu que os textos dos passeios traziam muita paixão para ficarem dentro dos cadernos! Foi então que ele trouxe para dentro da sala de aula a Imprensa, para que as emoções e impressões das crianças impressionassem não só a ele, como o mundo todo se fosse possível! E somente com esta ferramenta (a imprensa), o professor promoveu o aprendizado da leitura, escrita, ortografia, e ainda: responsabilidade pessoal e coletiva. Tudo isso como? Por exemplo, votavam no texto para ser impresso e toda classe o corrigia; logo um texto individual se

---

<sup>3</sup> Como quando nascemos, e só então os pulmões começam a funcionar, e assim vão por toda a vida. É a chamada “circulação neonatal”.

transformava em um produto de toda a classe. Freinet registrava os problemas de gramática e depois procurava trabalhá-los. Discutiam a diagramação e a ilustração para o texto impresso. Chegavam a um acordo e decidiam tudo. Eram distribuídas entre a turma responsabilidades e funções. E por aí vai...

Com a empolgação a todo vapor, as crianças sentiam a necessidade de anotar os fatos mais interessantes do dia-a-dia. Então Freinet juntou muitas páginas em branco e nomeou sua nova técnica de Livro da Vida. Lá as anotações podiam ser feitas por quem quisesse, inclusive por ele mesmo. Não demorou para que as páginas de vida estivessem devidamente registradas.

Mas espere um pouco, como era mesmo o início dessa história? Um currículo que exigia todo o dia uma hora de leitura obrigatória. O currículo só exigia que se aprendesse a ler - porque naquela época não acreditavam que a criança fosse capaz de expressar um pensamento.

Trabalhavam tanto com a imprensa manual que no fim do mês podiam produzir um Jornal de Textos Livres. Qual não devia ser o espanto dos pais daquela aldeia ao ver os textos e desenhos de seus filhos em um jornal! Mas o professor quis ir ainda mais longe, ampliando ainda mais o círculo de leitores com a Correspondência Interescolar. Motivados? Como não?! Nesses intercâmbios trocavam bilhetes, cartas e até presentes, fotos, frutas, comidas típicas! As correspondências respondiam à afetividade expansiva das crianças, ao mesmo tempo em que traziam unidade de trabalho e de comportamento em classe.

Referi-me até agora sobre cinco técnicas que Freinet trouxe à luz. Ao todo somam-se 14 técnicas, mas vou me ater a citá-las, sem descrevê-las<sup>4</sup>. As técnicas de Célestin Freinet são:

- Aula-Passeio / Estudo do Meio Ambiente
- Auto-avaliação
- Correspondência Interescolar e Interclasses
- Encontro dos Correspondentes
- Ateliês / Cantinhos Temáticos na Sala de Aula
- Ateliê Coletivo
- Fichário de consulta

---

<sup>4</sup> Para quem se interessar em saber mais sobre cada uma das técnicas há o link: <http://www.freinet.org.br/tecnicas-e-ferramentas>, acessado em 31/10/2012.

- Imprensa Escolar
- Livro da Vida
- Plano de Trabalho
- Texto Livre
- Desenvolvimento do Espírito Científico
- Roda de Conversa
- Jornal de Parede / Assembléia

E essas técnicas não são restritas. Podem e devem estar em constante adaptação. O próprio Freinet (SAMPAIO, 1989) diz em um de seus últimos livros: “O trabalho não pode caber a um só homem, por muito genial que ele seja! Deve resultar da colaboração de todos os educadores diretamente interessados na tarefa que inauguraram.” (p.75).

#### **1.4 Alterações das Técnicas**

É claro que técnicas como texto livre, plano de trabalho, auto-avaliação, em essência são inalteráveis - sem necessidade de adaptação. Mas em se tratando de ferramentas concretas, como a imprensa, rádio, gramofone e o projetor de cinema, contemplamos técnicas passíveis de mudança.

Freinet sempre buscava tirar o melhor proveito do que havia de mais moderno. Exibia até filmes “educativos e recreativos” e promovia peças infantis. Ora, hoje temos acesso ao youtube, podemos promover videoconferências, produzir vídeos e compartilhar tudo isso na rede. As técnicas: Correspondência Interescolar e Interclasses, Imprensa Escolar e Fichário de Consulta podem se fundir em uma única ferramenta do século XXI: a internet - dispensando até mesmo xerox ou impressora. Se o método (caminho para chegar a um fim) é expandir a comunicação, compartilhar informação, nada mais eficaz que a internet!

Há quem diga: “Mas não é toda escola que tem acesso a informática, que dirá o acesso à internet!”. Meu amigo, minha amiga, recurso existe, o que não existe é reivindicação de direitos. E o que você, professor, vai fazer? Lembrar de reclamar depois de espirrar com o pó do giz?

Não venha me falar em falta de recurso!

Uma casinha velha, isolada<sup>5</sup> no meio de um campo de uma aldeia do sul da França, pós-primeira guerra, com mais de 30 alunos, das mais variadas idades (6 a 14 anos) e um professor. Essa era a escola em que Freinet começou seu trabalho. (FREINET, E., 1978).

Esse começo não significa que o espaço não importa para o trabalho, ou que os recursos não importam. Significa que os recursos (materiais, espaciais, humanos) são tão imprescindíveis, importam tanto para o bom percurso formativo, que tudo o que se colocar no caminho como barreira (material, espacial, humana) precisa ser derrubado. Daí então as ferramentas - as técnicas - abrindo caminho. A imprensa e a correspondência servindo de megafones para que a remota escola se aproxime não só da vida como também do mundo.

Freinet deu extrema importância à organização material e ao investimento infraestrutural do ambiente escolar, descartando a idéia romântica de que para haver qualidade na educação bastaria a força de vontade do professor. Por conta disso, vejo que o professor tem o papel de garantir – e até insistir se for preciso - que os recursos disponíveis à escola pública sejam de fato disponibilizados.

Recentemente, a UNESCO<sup>6</sup> declarou o acesso à internet como direito universal de acesso à informação. Portanto, usar a internet como ferramenta da educação torna-se um dever, havendo tal possibilidade. Contudo, nenhuma lei ou declaração garantem a prática. Depende de o professor compreender a dimensão do direito e da necessidade a esse recurso do século XXI. Mas vale frisar que a educação não depende de internet, e que mesmo na ausência desta, a comunicação e a troca de informação precisam estar presentes na escola.

Vejamos a definição da técnica Fichário de Consulta: são fichas criadas por alunos e professores, para suprir as lacunas deixadas pelos livros didáticos convencionais. As fichas põem à disposição da criança exercícios destinados à aquisição dos mecanismos do cálculo, ortografia, gramática, história, ciências, etc. Freinet criticava duramente os livros didáticos fora da realidade da criança. E considero que ele criticaria duramente as salas de informática inutilizadas juntando poeira enquanto existe hoje a internet. Ora, seus alunos se davam ao trabalho de

---

<sup>5</sup> Uma das estratégias de "colonização" de consciências da escola é isolá-la do resto do mundo, de sua comunidade, de seu local, das histórias de vida dos alunos e dos professores.

<sup>6</sup> United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

coleccionar informações, organizá-las em fichas e arquivá-las para suprir lacunas do livro didático! (Internet, para quê te quero?),

Quando falo da Pedagogia Freinet como a vida que se prepara pela vida, falo do sentido do trabalho, da atividade. Não se trata de usar a técnica até desgastá-la. Trata-se de escalar uma montanha. Internet não basta. É uma ferramenta. Importa mesmo a função que ferramenta vai exercer. Sampaio (1989) notou que a ferramenta perde sua potência de sentido quando se perde o “para quê” do trabalho: as crianças montavam os tipos para usar a imprensa manual, e isso de fato era importante! Hoje em dia se recortam sílabas e a criança apenas “brinca” de montar. Os tipos foram adaptados para o presente, mas o propósito da atividade ficou no passado.

As técnicas são ferramentas usadas pelo professor e pelas crianças a fim de abrir caminhos, ampliar sentidos, explorar tempos e espaços, e, enquanto isso, trabalhar para viver, com sentido consentido.

As técnicas não são restritas nem em ação nem em objetivo. Posso usar outras ferramentas para escalar a mesma montanha na qual Freinet se aventurou, ou usar as mesmas ferramentas que ele para ir por outros caminhos, outros itinerários, ou até mesmo para fazer outras coisas sem sair do lugar. Isso não só é possível, como acontece. É bom, é ruim? Depende do referencial de cada professor?! É bom ou ruim depender do referencial de cada professor?



## II. FREINET NA EMEI AGOSTINHO PATTARO

### 2.1 As técnicas na EMEI Agostinho Pattaro

A fim de conhecer mais sobre o uso das técnicas de Freinet em escola pública, fui analisar o Projeto Político Pedagógico da EMEI Agostinho Pattaro, em Campinas. A princípio minha intenção era ficar a par só do planejamento pedagógico das "professoras Freinet" que atuam na escola, após ter estagiado na sala de uma delas. Mas tive uma imensa surpresa quando me dei conta do planejamento dos demais professores de agrupamento III para o ano de 2012.

A surpresa ocorreu pelo seguinte: haviam me dito que das 12 professoras de agrupamento III, duas utilizavam o método Freinet. E, de fato, tanto no estágio quanto no planejamento dessas duas professoras princípios e técnicas da Pedagogia Freinet estavam presentes. Mas pelo planejamento pedagógico de uma terceira professora, Luciene, logo identifiquei seu contato com Freinet. Dias depois, conversando com Silvinha, a professora do meu estágio, veio a confirmação de que Luciene também compartilhava das idéias do pedagogo. Então três professoras, de doze, podiam ser consideradas "fãs de Freinet".

Quero esclarecer que vou tratá-las como **professoras Freinet** nesta pesquisa apenas para facilitar a menção delas, para não ter que repetir o nome das três a todo momento. Tenho plena ciência de que rótulos são, via de regra, limitantes; a própria Silvinha, a respeito de sua forma de trabalho diz: "Eu sei o que eu faço e não gosto de dar nome".

Mas a surpresa não parou por aí: no planejamento das outras nove professoras identifiquei pontos em comum com as práticas de Freinet. Esses pontos em comum estavam isolados em cada planejamento, e não em conjunto e concentrados, como os planejamentos das três professoras Freinet.

O que quero demonstrar com esses pontos em comum não é o quanto Célestin Freinet é conhecido pelas professoras da EMEI Agostinho Pattaro, mas sim o quão naturais, ligadas à vida e às necessidades da turma, são suas técnicas. Técnicas que são propagadas, reinventadas, descobertas, sem necessariamente vir de influência do pedagogo francês e/ou sem necessariamente corresponderem seu ao método.

Notei ser comum no planejamento das 12 professoras a pedagogia que se faz por projetos, o que, por se tratar de uma EMEI, era de se esperar. Afinal, os "conteúdos" previstos para Educação Infantil como aprender a contar, diferenciar letras, cores, números, animais são elementos explicitamente transversais à vida, ou seja, cabem em qualquer tema de projeto. Vale lembrar que, para Freinet, independentemente do tempo de formação do sujeito, todos os conteúdos necessários para a vida estavam presentes na vida. Por isso está presente em sua práxis a pedagogia do trabalho, que compreendo como a versão mais intensa da pedagogia de projetos.

Também em todos os planejamentos estava presente, mesmo que minimamente, a proposta de trabalhar com tecnologia computacional em sala. Isso também é um ponto em comum com a técnica proposta por Freinet de trazer para a turma aparelhos modernos de seu tempo. Mas como eu disse, estou aqui trazendo apenas semelhanças técnicas. Não quer dizer que são usadas com a mesma intensidade e motivação de Freinet.

Todas as professoras argumentaram nos planejamentos a importância do contato da criança com o meio ambiente. Além de o meio ambiente ser um tema moderno - "na moda" - esta incidência geral pode ser explicada pelo tema do ano do Agostinho Pattaro: "Vamos cuidar de nossa escola e das relações sociais". Ora, o "meio ambiente" cuidado na escola é, em boa parte, a horta ali dentro cultivada. Freinet (2001), em seu livro *Para uma Escola do Povo*, apresenta a imprescindível *experiência tateada*, também chamada de *tateio experimental*, própria do período pré-escolar, sugerindo atividades de trabalho como cultivos, criações e até mesmo construções de muros, cercas, cabanas, casas (p. 30). E por fim, outra característica comum a todos no planejamento pedagógico e comum a Freinet é a roda de conversa.

Das 12 professoras de agrupamento III, verifiquei que 11 usam a técnica dos ateliês em um período do dia - cerca de 1 hora. Os nomes variam - mostrando que essa técnica não foi necessariamente trazida da Pedagogia Freinet - sendo eles: Cantos de Trabalho, Cantinhos de livre escolha, Cantinhos, Atividades Livres Diversificadas, Atividades Diversificadas. A denominação Ateliês - como Freinet batizou - só apareceu no planejamento de uma das três professoras Freinet. Apenas uma professora não explicitou em nenhum momento fazer uso dessa técnica.

Fiquei muito intrigada com a descrição de Canto de Trabalho que consta no planejamento de uma professora da EMEI: “esses cantos de trabalho tem como objetivo fazer com que as atividades em sala tenham significado para a criança, na medida em que preconizam seu interesse. Além disso, **exigem** que a criança aprenda a escolher, tendo que se perguntar sobre o que desejam e planejar o como realizar seus intentos”.

Não quero aqui constranger essa professora, de maneira alguma, mas apenas demonstrar que, apesar da boa intenção em atribuir sentido para as atividades de sala, ela, e não só ela, não parecem compreender a natureza espontânea e criativa da criança. Naturalmente elas querem escolher o que fazer! E, a não ser que tenham passado por uma educação adultocêntrica, não precisarão nem pedir licença para fazer suas necessidades, em todos os sentidos(!).

Essa professora usa dessa e de outras técnicas de Freinet, pelo que apresenta em seu planejamento. Mas algumas linhas antes de citá-las, diz que “o cronograma é basicamente o mesmo todos os dias”. Em apenas uma pergunta faço minha crítica: onde ficarão a espontaneidade da vida, e seus novos interesses e diferentes vontades de todos os dias?

Voltando para a análise quantitativa, o livro da vida consta no planejamento de seis professoras. Quatro professoras planejaram fazer Livro Coletivo, ou Álbum Coletivo, ou Portfólio, que é uma técnica também muito usada na Pedagogia Freinet.

E, por fim, quatro planejaram Aula Passeio, sendo elas as três professoras Freinet e mais uma. O que não significa que as demais professoras não saiam nunca em excursão. Mas constar no planejamento, no início do ano, que se pretende fazer aulas passeio, mostra a importância que essas professoras atribuem a isso.

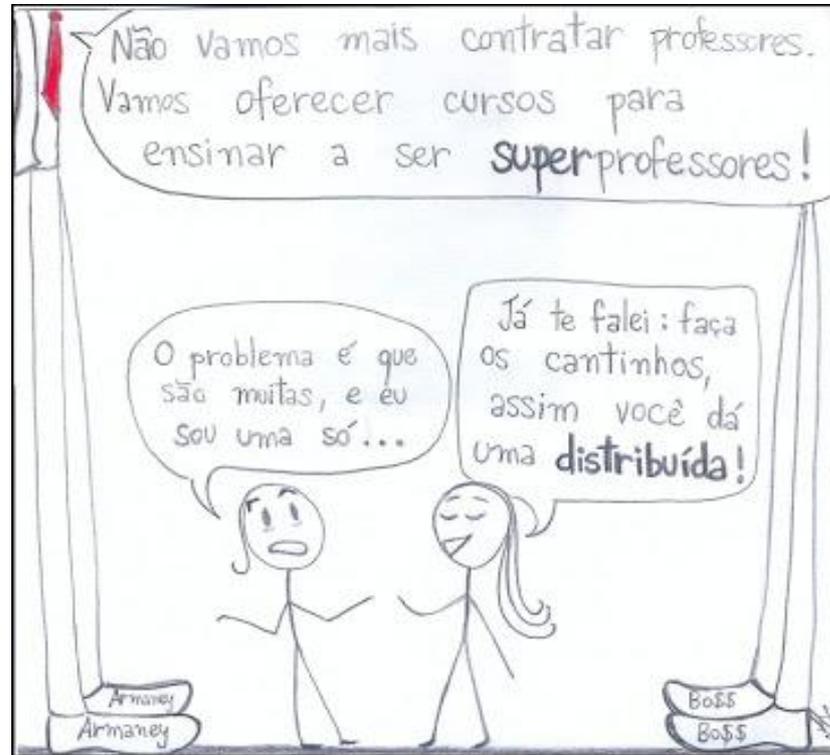
Procurei mostrar nesse breve relato que as técnicas de Freinet não são restritas à pedagogos Freinet. Técnicas como os Cantinhos de Trabalho e o Livro da Vida são bastante difundidas e/ou usadas.

O motivo pode ser explicado por conta de que geralmente os cursos oferecidos pelo PROEPRE<sup>7</sup> indicam como técnicas para o trabalho pedagógico: o livro da vida, a roda, os ateliês; mas não necessariamente o fazem em nome de Freinet. Ou seja, fazer uso das técnicas não significa que o professor procurou ajuda

---

<sup>7</sup> Programa de Educação Pré-Escolar

em Freinet, nem tampouco significa que concorde com ele, que por sua vez concorda com Pestalozzi, que concorda com Rousseau, que concorda com a criança.<sup>8</sup>



## 2.2 As práticas pedagógicas das professoras Freinet

A fim de saber mais sobre as práticas das três professoras Freinet, fui atrás de entrevistá-las. As entrevistas foram registradas em áudio e posteriormente transcritas.

É importante frisar que apesar das entrevistas terem sido bastante detalhadas, o que trago para minha pesquisa é a *minha* impressão construída de cada uma delas. Afinal, não é possível captar plenamente o real. Portanto, deixo claro que as conversas que tivemos foram comigo, e é a partir de mim que explano aqui as informações colhidas para responder minha pergunta de pesquisa: como são desenvolvidas as práticas com a Pedagogia Freinet na escola pública EMEI Agostinho Pattaro?

Entrevistei apenas a Silvinha e a Zirlene. Quanto à Luciene, que também trabalha com a Pedagogia Freinet, apenas fiquei a par do seu planejamento

<sup>8</sup> Da imagem: baseado em conversa que ouvi em estágio de outra escola. Confesso que também já pensei em tomar essa medida por esse motivo...

pedagógico por meio do PPP. A razão que me levou a entrevistar apenas as duas é que elas estão mais próximas uma da outra, uma vez tendo acompanhado suas turmas. Mas essa terceira professora, a Luciene, também foi citada em ambas as entrevistas.

As duas me receberam muito bem, muito sorridentes e bem humoradas. Entrevistei primeiramente a professora que venho acompanhando em meu estágio, conhecida como Silvinha na escola.

A professora Silvinha atua na EMEI Agostinho Pattaro há 20 anos (desde 1992). Coursou Pedagogia na Unicamp e pós - graduação no IEL. No momento, está concluindo mais uma pós pela USP.

Considereei importante começar a entrevista perguntando sobre sua satisfação com o trabalho. Ela me respondeu resolutamente que ama o que faz, e está muito satisfeita com a turma desse ano, Turma do Dragão. A única coisa que a deixa insatisfeita é o número de alunos, o que a faz sentir-se dividida entre os alunos - que são 28.

“Felicidade é quando o que você pensa, o que você diz e o que você faz estão em harmonia.” – Mahatma Ghandi.

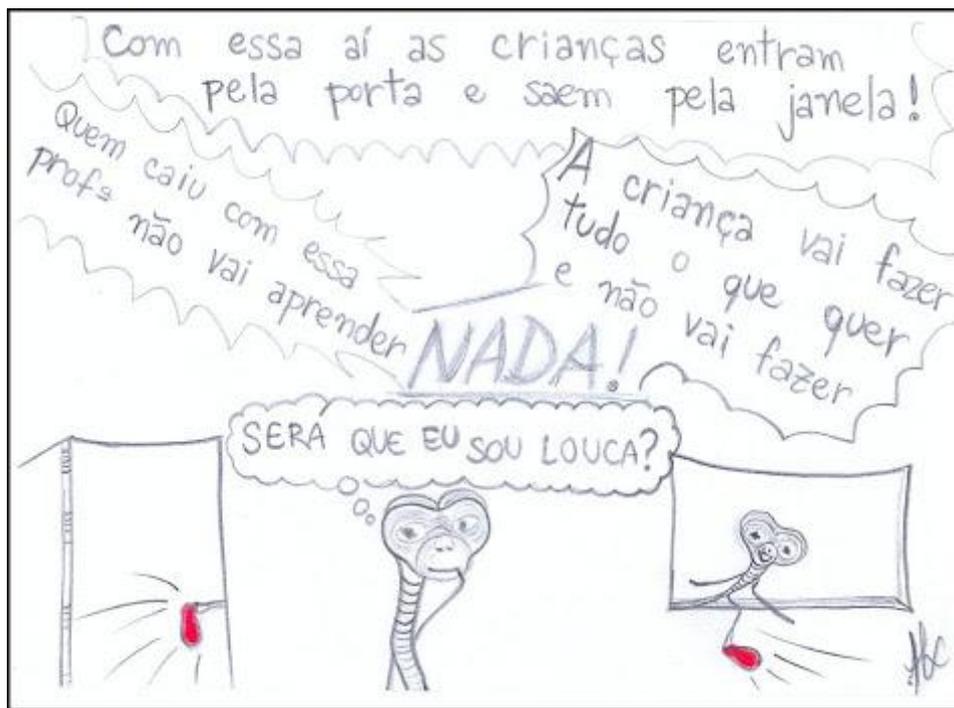


Seu contato com Freinet se deu quando fez magistério na Escola Curumim, onde estagiou. Foi “amor à primeira vista”. O que mais a encantou da Pedagogia Freinet - e encanta até hoje: a **relação** entre professor e alunos, “é o que faz toda a diferença”.

Depois de 20 anos de docência, muita coisa está mesclada em sua prática, incorporou outras influências ao seu trabalho; mas como ela mesma brincou: “nada

que fizesse o Freinet virar no caixão”. Já leu todos os seus livros e ainda compartilha das mesmas técnicas, mas não todas (a roda, o livro da vida e os ateliês). Afirmou gostar muito do que Freinet propõe, mas acredita haver muitas outras idéias legais por aí.

Silvinha conta que no início de sua carreira sentia muita insegurança e preocupação ao seguir a Pedagogia Freinet, pois essa opção “alternativa” não era bem vista, era estranho para os pais e demais professores.<sup>9</sup>



Então a professora se empenhou em trabalhar tudo de Freinet, sem deixar escapar nada, para não ter como errar. Mas o que aconteceu foi que ela acabou usando as técnicas mais para controlar do que para fazer algo interessante. “Demorou para eu perceber, foi um tempo até chegar aqui”. Concluiu que o melhor é aproveitar da Pedagogia Freinet para transformar, e não para “bitolar”.

Hoje, a professora faz os Ateliês mais livre, sem restringir as opções de atividades.

Apenas uma observação: no planejamento de uma outra professora, achei curiosa a forma pela qual planejou e descreveu os “cantinhos”. Ela elegeu e fechou os cantinhos em cinco atividades, por exemplo: cantinho da massinha, cantinho da pintura, finalizando com ponto final, de forma que as crianças só podem escolher

<sup>9</sup> Da imagem: baseada nas falas da professora entrevistada.

uma das cinco atividades propostas. Já no planejamento de algumas outras professoras como Silvinha, os cantinhos são descritos como o conjunto de muitas atividades diferentes - “trabalho nos diversos ateliês: leitura, escrita, máscaras, computador, desenho, recorte, colagem sucata, casinha de bonecas, massinha confecção de colares e pulseiras, jogos com regras, brinquedos, música, tecelagem, pintura...” - e ela ainda finaliza o parágrafo com reticências.

Quando começou a trabalhar, Silvinha organizava os Ateliês da seguinte maneira: fazia cartazes contendo as opções de atividades, então as crianças se inscreviam ou colocando o nome no espaço correspondente a sua escolha, ou por sorteio. Funcionava assim até que um episódio aconteceu...

Havia um menino que queria fazer um robô de sucata. Mas estava tendo que adiar seu desejo por uma semana inteira, pois não havia vaga no ateliê da sucata, e quem já estava no ateliê da sucata demorava para terminar o trabalho, era um processo longo. Depois de esperar por uma semana para poder fazer seu tão pretendido robô, o menino rasgou o nome dele em pedacinhos. Revoltadíssimo. Então a Silvinha se deu conta de como estava presa em sua forma de agir na organização dos ateliês. E o menino sem poder fazer um robô porque não tinha vaga na oficina de sucata... “Aí eu mesma peguei o cartaz e rasguei!”

Uma outra técnica que hoje a professora realiza sem ficar exageradamente preocupada é o registro. Quando entrou na escola, há 20 anos, era comum que as professoras trabalhassem com as datas comemorativas. Não era obrigatório, mas muito estranho se a turma não fizesse os “trabalhinhos” temáticos para pôr na pasta. Para os pais verem. Então ela se empenhava na confecção de muitos álbuns. Para tudo tinha que ter um registro. Mas o que pairava no trabalho com as crianças era o sentimento de cobrança; que era na verdade auto-cobrança. O trabalho da professora (e que trabalheira!) era “dar trabalhinho” para a criança mostrar aos pais.

Em outras palavras: a técnica podia ser a mesma de Freinet: montar livros, álbuns, desenho “livre” para cada data comemorativa, mas o método já havia se perdido. O objetivo estava pendendo mais para os adultos checarem serviço do que para a criança ser ela mesma.

A Silvinha de hoje que eu conheci já está liberta! E se os trabalhos das crianças têm que mostrar alguma coisa para alguém, agora mostram para afirmar o que as crianças são e fazem. O mostrar para “ninguém estranhar” foi trocado pelo

mostrar para surpreender mesmo! É o que acontece nas exposições de final de ano: “tem mãe que nem imaginava que o filho fizesse tudo isso”.

Hoje Silvinha faz a maioria dos registros com fotos [1].



[1] Turma do Dragão utilizando o retroprojetor para contornar a sombra de seus desenhos projetados. Foto retirada do Livro da Vida da Turma do Dragão, 2º semestre de 2012.

Fotos<sup>10</sup> revelam vivência, experiência, vida... Vida para além dos papéis e dos “trabalhinhos”. As fotos registram o quanto as crianças são sensacionais. Vão à escola para ser e fazer! Pois há um canteiro de obras imenso para a criança trabalhar! A exposição de final de ano, e até mesmo o jornalzinho mensal da escola são um retorno a toda comunidade escolar; legítimas avaliações aos olhos das professoras, das crianças, dos funcionários e dos pais. E principalmente aos pais é uma avaliação que, no fundo, serve para unir a insistente dicotomia de escola “só para brincar” x “só para aprender”.

Afinal, as crianças vão à escola para...? Na verdade, as crianças não vão à escola: são levadas para. As crianças, uma vez na escola - e outra vez, e mais outra, e todo dia - se **relacionam** com as pessoas pequenas e também com as pessoas grandes. Elas não estão na Educação Infantil pré-conceituando a finalidade

<sup>10</sup> Hoje temos a praticidade da câmera digital. Eis o benefício dos equipamentos modernos trazidos pra dentro da escola.

futuramente vantajosa de estarem ali, como teimam em fazer as pessoas grandes. Simplesmente estão em constante relacionamento, e relacionamento sério... Com a vida!

Com o tempo, com o espaço. Com outras crianças. Tateando, constatando, contatando e contando. E, de acordo com os olhos-da-guarda das pessoas grandes, quando duas ou mais crianças estão se relacionando elas estão brincando. E quando uma criança está sozinha fazendo alguma coisa de seu interesse, fazendo o que quer, está brincando sozinha.

É muito interessante notar a origem da palavra “brincar”<sup>11</sup>. Realmente tem tudo a ver com relacionamento: vem de *vinculum*, que quer dizer laço, algema, e é derivada do verbo *vincire*, que significa prender, seduzir, encantar. *Vinculum* tornou-se brinco e originou o verbo brincar, sinônimo de divertir-se.

Como estão *aprendendo* a se relacionar, pois ter um amigo também é estudar<sup>12</sup>, há momentos em que os “olhos-da-guarda” do adulto se transformam em “boca-de-intervenção”. Só que as bocas e os olhos das crianças querem continuar sendo boca e olhos, e falar o que viram e ver o que falaram. Esse é o tal do conflito, que faz os ouvidos ficarem aflitos.

Freinet tinha só um par de ouvidos. Então inaugurou o Jornal de Parede, que eu entendo como um orelhão. Todos podem ser boca e olhos quando sentirem necessidade: criticando, felicitando, propondo ou perguntando.

Dei toda essa volta para agora voltar à prática da professora Silvinha. Por maior que seja sua admiração para pela técnica do jornal de parede, ela me contou que não foi possível trabalhar dessa forma com a turma desse ano. Tentou por um semestre até que desistiu. Para essas crianças, a maioria dos conflitos tem que ser resolvidos no mesmo instante. Algumas vezes a professora os reúne em Roda de Urgência quando não dá para esperar até o momento da roda de conversa. Como a própria Silvinha refere, “as crianças mostram mesmo o caminho”, e para passar por esse caminho não foi preciso a ferramenta do Jornal de Parede.

E disse mais: “Usar as técnicas mas continuar se relacionando com os alunos como eu mando, vocês obedecem, não muda nada! Trabalhar o tradicional ou as técnicas dá na mesma. O que muda é a relação... Falar, ouvir”. Então, nesse caso, a

---

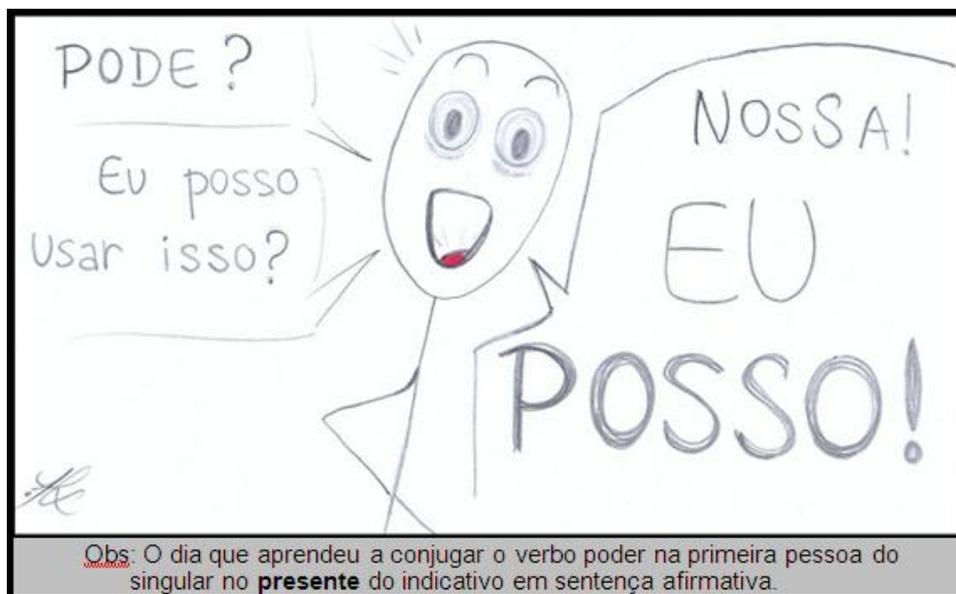
<sup>11</sup> Pesquisa realizada no site [www.guiadoscuriosos.com.br](http://www.guiadoscuriosos.com.br), acessado em 08/11/2012.

<sup>12</sup> Hino da escola da Ponte, <https://www.youtube.com/watch?v=fHJBCQKXmt4>, acessado em 19/10/2012.

professora deixou de usar a técnica, mas não deixou de cultivar uma relação de respeito com seus alunos, valor que ela mais considera na Pedagogia Freinet.

Sobre alunos que chegam a sua turma depois de terem passado por um modelo mais tradicional de educação, ela relata: “Você percebe que a relação é diferente. Os alunos começam a falar e a se expressar só depois que te conhecem. Antes disso, ficam na mesa esperando o que vai ser passado...”

Um menino transferido para sua turma, que chegou com o alerta assustado da ex-professora: “Olha, esse você não vai aguentar...”, não se aguentou e fez perguntas à nova professora: “Pode?”, “Posso usar isso?”, “Nossa, eu posso?!”. Os materiais estavam todos ao seu alcance. A partir desse dia passou a fazer tudo o que podia!



Eu quis saber a razão desse e de outros alunos serem transferidos para sua turma, assim, no meio do ano. Sua resposta foi simples e direta: “porque a gente aceita. As outras falaram não e ponto final”.

Este “a gente” são as professoras Silvinha e Zirlene. Ambas se mostraram realmente muito abertas, acolhedoras para com os rotulados aluno problema ou aluno difícil. Atente para esses termos e se espante comigo: estamos falando de Educação Infantil!

Apesar de a diretora insistir para que as outras professoras os aceitem em suas turmas, a resposta é sempre negativa. E a Silvinha não sabe falar não, principalmente numa situação em que a criança é passada de uma turma para outra com a mesma facilidade com que é rotulada. Então, logo que as salas são

montadas, essas professoras já se prontificam a ficar com os rejeitados, e assim já evitam o constrangimento e a complicação de o aluno mudar de sala no meio do ano.



Entrevistei também a professora Zirlene, que conheceu e se aproximou de Freinet quando ingressou na rede. O primeiro livro que leu desse pedagogo foi *Pedagogia do Bom Senso*, um livro que não abordava técnicas. Portanto, primeiro ela descobriu sua forma de pensar. Fez também a leitura de vários outros educadores, mas se identificou mais com os pensamentos de Freinet. Gradativamente, introduziu algumas técnicas ao seu trabalho, começando com o livro da vida, jornal de parede e textos espontâneos, pois não queria adotar cartilha.

Trabalhava dessa maneira com uma turma de 33 alunos, os quais já haviam passado por várias experiências e tentativas de alfabetização. Esses alunos eram chamados de renitentes<sup>13</sup>. Eram crianças de várias faixas etárias (6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e dois de 14), que iam ficando para trás. Logo que chegou à rede pegou essa turma e ficou perdida, sem resposta. Foi buscar nas práticas de Freinet possíveis soluções para a situação, procurando outras formas de alfabetizar - ou seja, não agiu como uma professora renitente. Freinet a ajudou também com a roda, onde colocavam o que cada um já havia aprendido e o que cada um poderia aprender.

<sup>13</sup> Renitente: obstinado, que não cede, que persiste na sua opinião; inflexível - Dicionário Priberam de Língua Portuguesa.

Faziam também aula passeio, nem que fosse para descreverem o bairro. Depois se dedicavam à montagem de livros, como, por exemplo, o título “O nosso bairro”. Foi dessa forma que a professora Zirlene foi construindo juntamente com sua turma um jeito diferente de alfabetizar.

Hoje, com a “Turma do Sol” (cinco anos), trabalha bastante com os ateliês. “Temos mais materiais, então a gente consegue fazer vários cantos. As crianças têm liberdade de escolher, de buscar a atividade que querem realizar no dia.”

A professora Zirlene continua trabalhando com os textos espontâneos, principalmente para registrar no Livro da Vida [2], onde os próprios alunos registram o que fizeram no dia, na semana, e suas descobertas e acontecimentos diversos. Querem compartilhar!

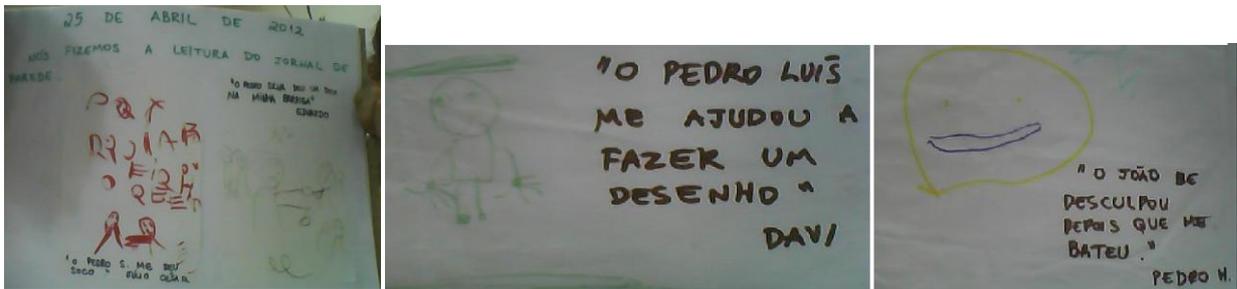


[2] Registros da Turma do Sol, Livro da Vida, 1º semestre de 2012. Letras, desenhos: vale tudo pra se expressar. A professora Zirlene registra a intenção de escrita abaixo de cada livre expressão.

A “Turma do Sol” se interessou pelo jornal de parede. A professora Zirlene conta que usou essa técnica porque não conseguia trabalhar; toda hora tinha que estar resolvendo conflitos. Aí sugeri para a turma que, se fosse possível, colocassem seus conflitos na roda, manifestando-se pelos envelopes Eu critico e Eu felicito. Conta que levou um tempo para se adaptarem ao jornal de parede, pois “qualquer coisinha” já faziam uma crítica. Mas aos poucos souberam resolver seus conflitos, conversando, sem precisar fazer uso do jornal. No Livro da Vida da turma, para onde vão todas as manifestações do jornal de parede, o último “eu critico” que encontrei estava colado no dia 25 de abril [3]. Daí pra frente encontrei apenas felicitações. Não que as críticas tenham cessado, explicou Zirlene, mas diminuíram muito desde então.

Perguntei como os pequenos faziam os registros, para só mais tarde discutirem. Ela me contou que alguns já fazem tentativa de escrita e outros registram

por meio de desenhos, e depois os lêem - lembram - para a turma. Posso ver que o que ocorre é um verdadeiro letramento, pleno de sentido para eles!



[3] Registros no Livro da Vida, Turma do Sol, 04/12. Desenhos correspondendo às ocorrências. O primeiro, à esquerda, é do dia 25/04: “O P.S. me deu um soco” – “O P.S. deu um soco na minha barriga”.

Zirlene já passou por vários cursos que possibilitaram a ela mais conhecimento da Pedagogia Freinet, como, por exemplo, um curso oferecido na Escola Curumim, o que lhe deu uma visão mais ampla da Pedagogia. No entanto, a professora não se diz 100% Freinet, por não seguir todas as técnicas propostas. Mas sempre que está diante de alguma dificuldade, lembra-se de uma técnica ou atividade e a utiliza.

Ora, não é preciso usar todas as técnicas para concordar 100% com Freinet. Freinet não é uma religião ou seita, é uma pessoa! Pessoas são únicas. Apenas Freinet foi 100% Freinet.

Quanto ao seu planejamento de trabalho, ela o faz baseando-se nos centros de interesse das crianças. Mas me explicou que nem sempre é dito claramente pelas crianças o que elas querem estudar. “Não é bem assim. Mas você observa o andar do grupo: sempre vão trazendo alguma informação que conduz seu trabalho para uma área de pesquisa (projeto). O grupo é que diz o caminho a percorrer”. E trabalhar dessa maneira não impede que os conteúdos sejam abordados, pois sempre acabam passando por eles, seja qual for o projeto: sempre aparecem letramento, quantidade, cores, tamanhos, formas. Portanto, o método por centro de interesses não se opõe necessariamente aos conteúdos cobrados, exigidos.

Em sua prática pedagógica, Zirlene prioriza o mesmo que Silvinha: **a relação**. “Eu entendo que na educação infantil o mais importante mesmo é a questão da relação. Se conhecer, interagir... Com isso vem a interação com o mundo, que vai se ampliando”. Para ela, é por meio da relação que interesses são despertados e as crianças vão conhecendo tudo o que se tem para conhecer do mundo, do outro e do mundo do outro.

Zirlene conta que no início do ano ela pega “um grupo meio perdido, sem se entender. Aos poucos que eles vão se interessando pela vida do outro... Leva um bom tempo formando esse grupo para depois sair um projeto”. Portanto, trabalhar priorizando as relações não é de maneira nenhuma perder tempo, e sim investir no grupo.

Esse ano ela pegou uma turma vinda de diversas professoras e, por conta disso, foi um pouco difícil a formação de um grupo que sentasse, escutasse e tivesse iniciativa para o trabalho. “Havia material, acessível, mas não havia criação. Tudo era ‘eu posso?’. Então eu precisava fazer o convite. ‘Quem é que gostaria de registrar hoje?’. A coisa foi, mas foi um pouco mais lenta. E agora, ao final do ano, já estão criando e se aventurando mais. A gente percebe esse tipo de diferença quando a gente trabalha com a Pedagogia Freinet”.

Em seu planejamento, Zirlene optou por citar algumas falas das crianças nas primeiras semanas de aula: “Você é legal! Você trata bem as crianças!”, “Eu sempre tive vontade de estudar nessa sala”, “Mamãe, aqui é muito legal! Tem muitas coisas interessantes!”, “Porque mudamos de sala?”. Realmente, a relação faz toda diferença nessa pedagogia alternativa.

### **2.3 Possibilidades e limites**

A prática do professor pode pretender-se libertadora e libertar, e mais: pode assumir-se limitada e problematizar.

Procurei saber com a Silvinha a respeito de possibilidades e limites em sua prática pedagógica. Até onde vão as possibilidades e onde começam os limites.

Um dos limites foi revelado logo no início da entrevista, quando lhe perguntei sobre a sua satisfação com o trabalho. Recapitulando, ela respondeu com alegria que realmente ama o que faz, e importante, faz o que ama. Mas se sente dividida quanto à atenção dada aos alunos, pois são 28 em sua sala. Acompanhando-a pelo estágio, percebi que, realmente, os dois meninos transferidos precisam e pedem sua atenção, assim como às vezes apresentam dificuldades em se relacionar com os demais colegas. Então, mesmo ela não colocando nessa parte da entrevista - enquanto limite - vejo que essa coisa de transferir os alunos problema para sua sala

acaba tornando o trabalho mais difícil. E quem disse que seria fácil? E quem disse que ser difícil é um problema?

Entendo essa questão como um problema **da** educação, e não **para** a educação. Por que os alunos que não se encaixam no modelo tradicional vêm para uma sala Freinet? E se não houvesse uma professora Freinet na EMEI Agostinho Pattaro? Para onde iria aquele menino tão incrível que eu conheci? Como ele ficaria? E se não houvesse modelo tradicional? Quantos meninos e meninas incríveis poderíamos (re)conhecer?

Questionamentos que não se limitam...

Para Zirlene o grande número de crianças (28) também acaba sendo um fator limitante para a realização de aulas passeio - pelo aluguel de um veículo mais caro, que comporte a todos. Além disso, com a redução de verba para aula passeio, a professora disse não poder se aventurar a ir a passeios mais distantes.

Outro limite, também em relação ao número de alunos, é que a rede só dispõe de monitores para salas de até três anos. E, segundo Zirlene, com monitor em sala seria possível trabalhar melhor com os cantos de trabalho. "Então tudo é muito difícil...".

Interessante observar o motivo do desejo de a professora ter um monitor em sua sala. Esta professora não demonstrou querer outro monitor para controlar e ter mais atenção das crianças, e sim com a preocupação de dar mais atenção a elas!

No entanto, uma fala da professora Zirlene me chamou a atenção: "Tem situações que fogem do controle... Crianças que passeiam na escola em vez de ir ao banheiro". A princípio essa frase me causou estranhamento: crianças passearem pela escola é uma situação problema para essa professora? Mas, eu compreendo perfeitamente sua fala, considerando o contexto em que é dita. Uma professora Freinet? Sim. Mas uma professora Freinet que trabalha em escola pública. E sei que esse problema seria facilmente resolvido se simplesmente não fosse um *problema* para a escola pública que a criança passeasse por *sua* escola.

Perguntei à Silvinha se porventura ela já foi impedida de realizar alguma técnica da Pedagogia Freinet. Ela respondeu que não, exceto pelas Aulas Passeio no ano de 2012. A escola recebia verba para seis passeios anuais. Mas neste ano só conseguiram verba para realizar dois, com auxílio dos pais e do caixa escolar. E

por sorte a turma conseguiu ir ao cinema, pois outra escola das redondezas estava com vaga sobrando no ônibus.<sup>14</sup>

Quis saber sobre a cobrança da direção quanto aos conteúdos, quais as possibilidades e limites. Tanto a orientadora quanto a diretora gostariam que fosse trabalhado o tema: “Cuidar da escola e das relações sociais”. Mas como se vê, é um tema bem amplo... Então as professoras ficam liberadas para atuar em qualquer tema que (as crianças) desejarem. O cuidado com a escola é trabalhado principalmente por meio da horta [4].



[4] Horta da EMEI Agostinho Pattaro. Plaquinhas identificando: alface, tomate e maracujá. Fotos extraídas do Livro da Vida, Turma do Sol, 1º semestre de 2012.

Ficou a critério do professor ensinar ou não as primeiras letras. Tem quem use cartilha, quem trabalhe letra por letra, quem trabalhe com escrita espontânea.

Perguntei se havia alguma meta a ser atingida, quanto ao aprendizado das crianças. Silvinha respondeu que por enquanto não há metas quanto a isso, mas a meta é ter a meta. Não soube me dizer quando será feito isso. “De repente é uma coisa boa, mas de repente é mais um engessamento... Daí tem que dar o conteúdo na marra porque não pode faltar...”.



<sup>14</sup> Para curiosos como eu que querem saber, eles foram ver A Era do Gelo 4.

As professoras Freinet se viram limitadas quando quiseram iniciar um grupo de formação. Por estarem mais próximas do trabalho - mesma linha pedagógica - queriam sentar para discutir suas aflições, ler e estudar um pouco mais; não só Freinet, mas também Malaguzzi<sup>15</sup>, Paulo Freire, Papert<sup>16</sup>. Mas tiveram dificuldades em realizar um CHP para isso. Com a mudança de plano de cargo haveria, além do TDC<sup>17</sup> e do TDI, também o CHP como horário para formação; porém por conta de mudanças da administração, perderam o direito de usá-lo como hora de estudo. Agora estão conseguindo se organizar novamente para estudo, mas sem conseguir sistematizar um grupo de formação próprio da escola. Pelo que Zirlene comentou na entrevista, esse grupo de formação não seria voltado somente para Freinet, mas para discutir as práticas de Zirlene, Silvinha, Luciene e de quem mais se interessasse. “Sabe conversar mesmo? A gente sente falta... No TDI, que reúne todos os professores, são tantas coisas para discutir que acabamos não conseguindo discutir questões pedagógicas”.

O que acaba acontecendo no coletivo de professores é: cada um com suas questões pedagógicas...

### **III. AS RELAÇÕES DO “PROFESSOR ALTERNATIVO”**

O que me levou a fazer esta pesquisa foi, a princípio, minha dificuldade de pensar na possibilidade de exercer a Pedagogia Freinet em escolas públicas. A fim de superar essa minha dificuldade, interessei-me em também saber como seriam as relações de um professor alternativo com a equipe pedagógica de uma escola como tal. Mas todo esse interesse vem de um pressentimento, que só deixará de existir depois que eu ingressar realmente em uma escola pública, como professora Freinet.

---

<sup>15</sup> Loris Malaguzzi: pedagogo e educador, idealizador da Pedagogia da Escuta em Reggio Emilia (Itália), autor do poema: “Ao contrário, as cem existem”. <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/arte-ideias.htm>, acessado em 12/11/12.

<sup>16</sup> Seymour Papert: o teórico mais conhecido sobre o uso de computadores na educação, tendo criado, na década de 1970, a linguagem de programação Logo, para crianças, quando os computadores eram muitos limitados e não existia a interface gráfica nem a internet. Na educação, Papert cunhou o termo construcionismo como sendo a abordagem do construtivismo que permite ao educando construir o seu próprio conhecimento por intermédio de alguma ferramenta, como o computador, por exemplo. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Seymour\\_Papert](http://pt.wikipedia.org/wiki/Seymour_Papert), acessado em 12/11/2012.

<sup>17</sup> TDC: trabalho docente coletivo. TDI: trabalho docente individual. CHP: carga horária pedagógica.

Mas enquanto não estou lá, no meu futuro e desconhecido campo de trabalho, fui conhecer **um** caso real, na EMEI Agostinho Pattaro, no ano de 2012.

E o que encontrei nas relações de trabalho de lá foi muito importante para me mostrar que é possível pensar diferente! Não vou ser posta na fogueira da Inquisição, não serei exilada, nem me mandarão para o cantinho pensar só porque eu partilho das mesmas idéias que o professor Freinet. Ele sim foi perseguido, exilado, preso...<sup>18</sup>

Objecções estarão sempre presentes. Freinet, em seu livro *Para Uma Escola do Povo* (1ª edição, 1943), já previa estranhamento da parte de educadores frente à sua Pedagogia. “Não será melhor, afinal, garantir a disciplina e fazer as lições regulares, baseando-me passo a passo em manuais escolares que, afinal, não são nada malfeitos?” (2001). Perguntas como essa, revela Freinet, são naturais àqueles que, inquietos e hesitantes, se interpõem às novas realizações. E ele é bem humorado em dar seu parecer; vale à pena a transcrição:

Esses educadores têm razão. Se não tivéssemos a certeza, baseada numa vasta e longa experiência, de responder hoje positivamente a suas preocupações; se a escola moderna não devesse lhes trazer um rendimento intelectual, moral, físico, psíquico e social melhor que os métodos que ela pretende hoje substituir, não pregaríamos em absoluto a necessidade de abalar assim todo o edifício pedagógico. (p.71).

Freinet é convicto; não somente esperançoso, mas experiente. “Vocês tem dúvidas? Nós temos as certezas”. Que ótimo argumento este: Freinet fala com pleno conhecimento de seu trabalho. Não foi biólogo, literato ou filósofo. Foi professor.

Porém o ponto aqui não é de somente rebater as objeções, mas de tranquilizar os profissionais responsáveis por supervisionar o trabalho docente. Confesso que, da minha parte, a emoção apela (até muito antes da hora), mas é preciso incluir a racionalidade para resolver a questão, sem, é claro, excluir o afeto. Afinal, este trabalho de conclusão de curso se une ao apaixonado suspiro de Freinet

---

<sup>18</sup> Em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, Freinet é preso e exilado. Nesse período, tendo vivo em sua memória 20 anos de sua vida dedicados à educação, escreve: “A educação do trabalho”, “A experiência por tentativa” e “Ensaio de psicologia sensível”. Após ser libertado com muito esforço e incansável luta de sua esposa Élise, Freinet procura seus companheiros e apoiadores e convoca-os ao combate do pensamento da Escola Nova, a qual dirigia críticas severas. (Pesquisa feita em <http://forumeducom.com.br/wp-content/uploads/2011/09/35-Luciane-Justus-dos-Santos.pdf>, acessado em 12/11/2012)

(2001): “Ah se pudessem assistir, nem que só por algumas horas, à vida de uma classe assim regenerada [...] ficariam certamente tranquilizados e prontos a se unirem a nosso grupo dinâmico.” (p.71).

A objeção que mais imagino encontrar é referente ao vicioso protesto: Ah, mas na prática é outra coisa! Freinet (idem) rebate: “Já dissemos, não somos teóricos, mas práticos.” (p.71). Foram tantas as técnicas construídas na prática; técnicas sugeridas, longe de serem receituárias. Foram tantas as licenças para adequações necessárias... Mais ligado à prática impossível!

E mais, como toda a prática, reflete teoria e intenção. Então que fique claro como o dia: teoria é uma coisa, prática... É a mesma coisa! Sim, pois se o professor não adotou uma teoria consciente, via de regra leva teorias dominantes para a sua prática. E mesmo que ele condene a violência e a dominação, está sujeito a ser mediador de violência simbólica com formas simbólicas de dominação.

Todo educador tem, portanto, a obrigação de conhecer a sua posição e, sem a consciência dos valores que orientam seu trabalho, será difícil que chegue, coerentemente, a algum lugar. [...] Um educador que não use a filosofia é inevitavelmente superficial. Um educador superficial pode ser bom ou mau - mas, se for bom, é menos bom do que poderia ser e, se for mau, pior do que precisava ser. (KNELLER, 1971, p. 166).

Compreendo que a aparente separação teoria/prática tão senso-comunizada na nossa educação vem da dicotomia planejar/realizar, uma de nossas divergências mais pesadas: gestores planejam e administram enquanto professores executam a imposição de um currículo prescrito. Logo, é de se esperar resistências quando o professor decide planejar e administrar a organização do tempo e do espaço de sua turma. Parece haver um limite: não é permitido ser alternativo demais...

Eu pensava que limite era preciso.

Considerando a estrutura, espaço e tempo escolar no tempo de Freinet, noto que o *realizar* dependia bem mais do planejar *do professor*. Uma escola de aldeia, no sul da França, consistia basicamente em *uma* turma, multiseriada. Espaços e tempos eram programados conforme a necessidade e a vontade das crianças. Freinet relata em Para uma Escola do Povo, um momento de assembléia com toda a escola (ou seja, toda a turma) em pleno sábado a noite! O mais novo dessa reunião

tinha seis anos, e os mais velhos 14. Os próprios alunos discutiam como se passara a semana, e então planejavam, em conjunto, a responsabilidade de cada um na semana seguinte. Freinet presente, sentado ao fundo, às vezes, bem de vez em quando, lembrava, assim como os demais, de uma necessidade ou outra.

Alternativo demais? Algum problema com isso? Sinto como ouvisse protestos (até mesmo meus): acho lindo, mas... Estamos em um momento histórico diferente, contexto social diferente, economia diferente, cor de dente diferente, presidente diferente...

Qual é o problema com o diferente? Eu pensava que queríamos fazer diferente. Alternar é preciso.

Por que não alternar dentro do *nosso* momento histórico? Por que não alternar em qualquer contexto social, seja como for a economia, a estrutura da família, a cor da pele, a cor do olho, a cor do céu? Acordo seu, meu, nosso: vamos construir uma escola diferente?

Numa educação onde predomina a retórica, é preciso fazer valer a dialética. Concordar de verdade com Freinet é concordar em igualar-se ao coletivo e diferenciar-se nas identidades. Não alterna em nada professor que concorda em igualar o coletivo e diferenciar suas identidades. O professor não iguala e não diferencia ninguém! Ou ele se enxerga ou ele deixa de enxergar. É isso.

Se o professor não alternar (se não for "alternativo") em sua forma de enxergar educação, criança, outra criança, indivíduo, turma... Ele não deixa de ser professor. Não deixa de receber seu salário, não deixa de ser elogiado, querido, homenageado, aplaudido. Não deixa a desejar. Mas deixa desejarem?

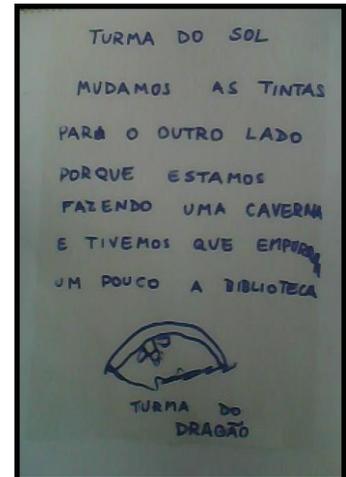
A escola pública, como um todo, limita-se tanto quando foca os olhos no mínimo! Cumprir. Obrigação. Pré-encher. Mas pode ser *diferente*: cada escola pode ir para um infinito e além quando focar em máximos.

### **3.1 Entre as professoras Freinet**

Silvinha e Zirlene, as duas professoras Freinet com as quais conversei, dividem não só as mesmas idéias quanto a mesma sala e os mesmos materiais. Silvinha trabalha de manhã, e Zirlene a tarde. A vantagem de ficarem na mesma sala é que podem deixar a sala como acreditam que a sala deva ser, ou seja, um

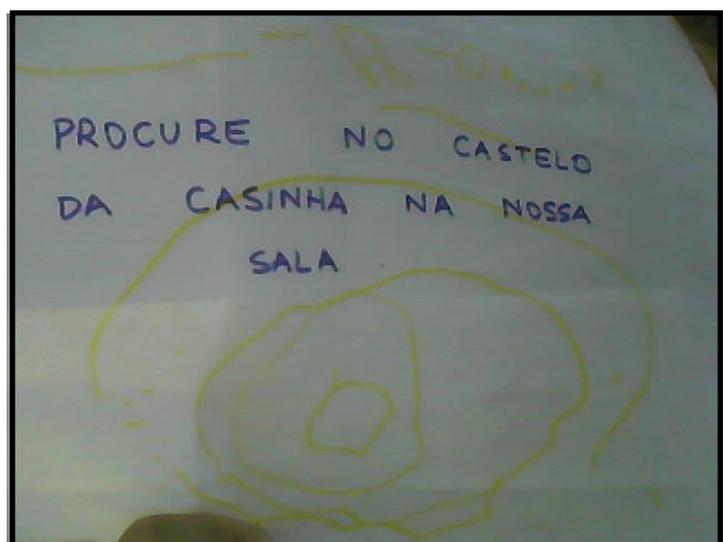
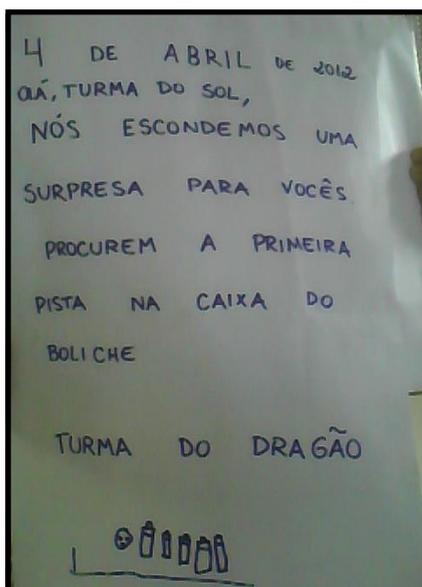
espaço que atenda às necessidades mínimas das crianças. “Porque era muito difícil chegar todo dia e tirar aquele montão de cadeira e de mesa para organizar o espaço, ter espaço no chão, ter espaço para as crianças se movimentarem”. Além disso, agora elas podem ter o armário aberto e baixo para livre acesso das crianças. “Há mais liberdade e mais autonomia para o trabalho delas. Isso foi perfeito, a gente conseguiu!”, relata Zirlene.

A relação das duas é a melhor possível. Realizam projetos juntas, como troca de correspondências, fazendo comunicação entre as turmas geralmente para falar de assuntos da sala [5], dar avisos, sugestões ou simples recados. Na técnica de correspondência, trabalham apenas com correspondência dentro, pois correspondência interescolar não deu certo...



[5] Livro da Vida, 1º semestre de 2012. Turma do Dragão

A comunicação entre as professoras influencia naturalmente na comunicação entre as turmas. Na época da páscoa, por exemplo, arquitetaram uma situação de correspondência [6]: a turma da manhã promoveu um caça ao tesouro para a turma da tarde procurar os ovos. “A gente tenta pegar situação que nos é imposta e transformar!”, sorri Zirlene.



[6] Livro da Vida, 1º semestre de 2012, Turma do Dragão faz caça ao tesouro para Turma do Sol. Ditam para a professora e desenham.

A relação de cooperação entre os professores faz toda diferença no trabalho pedagógico. “Quando a gente está numa escola pública, e cada um fala uma língua, a gente acaba se aproximando daqueles que vão dar uma força. Então de quem tem uma proximidade de pensamento, metodologia, você acaba se aproximando, senão fica muito isolada. Silvinha e Luciene me acolheram e me ensinaram muito. Se eu cresci foi por conta dessa relação. Me ensinaram, me ajudaram. É uma relação de companheirismo, amor, muito afeto”, conta Zirlene.

### 3.2 Entre os outros professores

Silvinha, como já mencionei, no início de seu trabalho sentia-se coibida diante das demais professoras. O que acontecia é que a orientadora pedagógica admirava muito o trabalho desenvolvido neste método, e sempre pedia que as professoras Freinet falassem do trabalho nas reuniões pedagógicas. Porém, isso gerava entre as outras professoras o boato de que as professoras Freinet tivessem um sentimento de superioridade, e com isso acabavam se afastando...



Isso era ainda mais ressaltado quando as “freinetianas” faziam as exposições de fim de ano, o que nada mais era que uma prática comum à Pedagogia Freinet.

Hoje em dia, os relacionamentos entre as professoras são igualmente positivos e respeitosos. “Só o trabalho é diferente”, conta Silvinha. Ou seja, as professoras só divergem profissionalmente. Quanto a essa desunião pedagógica, “há a perda do trabalho coletivo. Uma perda grande...”.

O modelo tradicional, predominante, não apresenta a mesma preocupação que o método Freinet tem em relação à interação, comunicação e cooperação entre os próprios professores.

Zirlene conta que já enfrentaram algumas dificuldades com o grupo. Por exemplo, má interpretação. Por utilizarem uma pedagogia diferente, já ouviram muitos questionamentos e algumas críticas, como: “Você dá muita liberdade aos seus alunos”, “seus alunos ficam muito soltos”.



Esse sim é um professor de “pulso firme”!

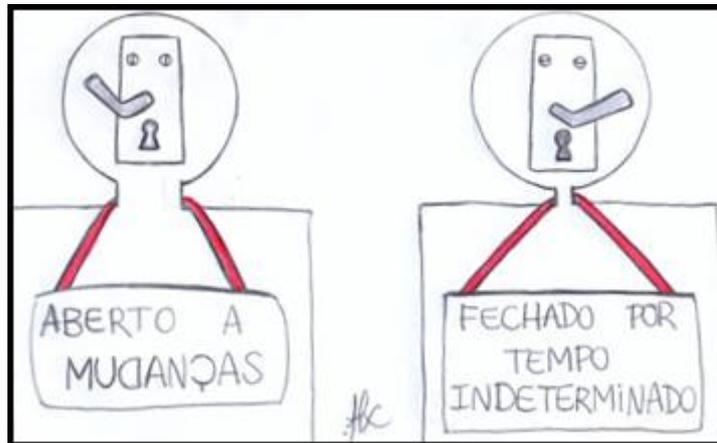
“Mas estou avaliando, vejo que dou liberdade sim! Estão soltos? Como assim soltos? Eles vão e vem! Estão interagindo, trabalhando, produzindo. Mas tem movimento, tem vida. Não estão todos sentados fazendo a mesma coisa ao mesmo tempo. Então com o grupo teve alguns questionamentos assim. Hoje está um pouco mais tranqüilo. Uma aceitação melhor.”

Até são feitos projetos com as demais, mas não por iniciativa das professoras, e sim como projetos da escola toda, como, por exemplo, a horta, a semana criança, projeto das Olimpíadas...

Aliás, a horta foi um projeto que começou com as professoras Freinet, e que hoje a escola toda abraçou. Uma diretora da escola até comentou com a Zirlene: “Vocês não sabem o quanto vocês conseguiram mexer com essa escola!”.

De certa forma as três professoras foram puxando o grupo. Trabalham em constante relação de acolhida, sem imposição, apenas fazendo convites, pois sempre chegam professores novos na escola querendo conhecer o trabalho da

Pedagogia Freinet. "E daí vai da pessoa também", expõe Zirlene, "tem pessoa que está aberta para mudança, tem pessoa que não".



Há uma frase de Sócrates que diz: "Não penses mal dos que procedem mal; pensa somente que estão equivocados". Talvez essa frase expresse um pouco do que é ter como bandeira de luta a Pedagogia Freinet; uma pedagogia que, em essência, convida para a vida, para a alegria e satisfação no tempo presente, sem pensar mal, sem querer mal e sem mau querer.

Sendo a Pedagogia Freinet um **movimento pedagógico de professores**, é através das trocas de experiências que ela se atualiza permanentemente, a favor de uma escola sempre moderna. Freinet não só inicia seu trabalho com essas trocas, como difunde suas idéias dessa forma. Mesmo enquanto professor-diretor, isolado na escola de Bar-sur-Loup/França, suas experiências alcançavam um distante professorado, por meio de correspondências. Ele bem sabia da importância dessas trocas ao incentivo, ajuste e aperfeiçoamento de tantas escolas assim como da sua.

Contrastando com este exemplo de interação, estão nossas escolas públicas. Professores em salas vizinhas, tomam o mesmo café, nem sempre ganham o mesmo salário e, raramente, trocam experiências educacionais significativas. Pode ser que haja algum compartilhar de idéias e emprestar de materiais, mas o que predomina mesmo no dia a dia é o "cada um por si".

Não é isso que um bom entendedor de Freinet quer; pois não convém que o professor se isole na Pedagogia Freinet para ficar só no "seu galho". Nessa Pedagogia, cujos pontos fortes são cooperação, comunicação, livre expressão e afetividade, é primordial



que o professor esteja em constante reflexão/discussão com o coletivo, mesmo em meio a divergentes concepções pedagógicas.

### **3.3 Com a diretora e a orientadora pedagógica**

Já passaram vários diretores e orientadores pela EMEI desde que Silvinha e Zirlene ali ingressaram. Quando Zirlene iniciou seu trabalho, a O.P. acompanhava duas escolas. Por conta disso, sua contribuição foi muito pouca; não por falta de interesse, mas por falta de tempo.

Há apenas três ou quatro anos a escola passou a ter uma orientadora própria, que se divide em dois períodos. Então não é toda manhã/tarde que está presente. A professora Zirlene sente pouco envolvimento da atual orientadora com respeito às questões pedagógicas, pois esta precisa se envolver também com questões administrativas. Em entrevista, Zirlene aproveita para dar sua sugestão: que fosse contratada mais uma secretária para cuidar de assuntos administrativos para que a O.P. pudesse auxiliar exclusivamente nas questões pedagógicas, “ali com a gente mesmo, rodando pelas salas. Sinto falta disso, de alguém dando dicas, participando. Assim como sinto falta de monitores para ajudar no trabalho.”

Há bastante aprovação, tanto da diretora quanto da orientadora, para as práticas pedagógicas das professoras Freinet. Não só aprovam como também valorizam, disponibilizam material necessário e organizam os passeios das turmas.

Quis saber como poderia acontecer uma orientação pedagógica mais específica para práticas Freinet. Ao meu ver, o papel do orientador é caminhar com os professores, sejam quais forem suas concepções pedagógicas. Não defendo a neutralidade do orientador, mas envolvimento real, não-parcial, único para com cada professor.

Zirlene contou que já houve na escola uma orientadora que gostava tanto do trabalho com Freinet que queria impôr esta pedagogia a todas as professoras. Mas, é claro, vieram manifestações contra essa imparcialidade.

Há uma grande diferença entre ser imparcial e não-parcial.

A orientadora atual faz reuniões com todas as professoras, mas sem orientação pedagógica direcionada às especificidades de cada uma.

A diretora atual apóia muito o trabalho das professoras Freinet, incentivando-as a estudar, a fazer cursos, e até mesmo indicando cursos. Elogia e gosta muito dos projetos que elas fazem.

Simple assim!

Confesso que, em meus pesadelos pedagógicos, cheguei a pensar que as diretoras e orientadoras de escola pública conspirassem contra Freinet. Bom, ao menos na EMEI Agostinho Pattaro, com *respeito* à prática dessas professoras, não é nem um pouco assim:



#### IV. O QUE DIZEM OS “DE CIMA”?

Mas será mesmo que é tão simples assim exercer a Pedagogia Freinet na escola pública? O professor pode exercer *toda* Pedagogia Freinet que quiser, tal como Freinet quis? Estamos falando da mesma pedagogia?

Uma coisa aprendi a ver: nesse mundo todo mundo é bem intencionado. Professoras, diretoras, orientadoras não vão impedir a Pedagogia Freinet na escola pública. Se a pedagogia traz coisas positivas para a escola, é bem vinda na educação (nessa ordem), desde que...

É justamente o “desde que” que me preocupa. “Desde que” “o que”, e “por que”? A serviço de quem, que está a serviço de quem, que está a serviço de quem?

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas de vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um contínuo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito. (FOUCAULT, 2008, p. 121).

Enquanto reflito sobre esse trabalho de pesquisa, uma constatação não sai da minha cabeça: o buraco é mais embaixo, ou melhor, mais em cima!

O que está acima da direção da escola EMEI Agostinho Pattaro é a Secretaria Municipal de Educação de Campinas. Esta atua de modo descentralizado por meio dos cinco Núcleos de Ação Educativa Descentralizada (Naeds)<sup>19</sup>. Eles estão divididos conforme as regiões geograficamente definidas pela política de descentralização da Prefeitura Municipal de Campinas. São eles: Norte, Sul, Leste, Sudoeste e Noroeste, e compreendem as Escolas Municipais de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), além das Escolas Particulares e Instituições, situadas em suas áreas de abrangência.

Os Naeds são dirigidos pelos representantes regionais, que tem como objetivo assegurar a descentralização e a implementação das políticas educacionais na Rede Municipal de Ensino de Campinas. Supervisores Educacionais e Coordenadores Pedagógicos compõem a Equipe Educativa de cada Naed, atuando de forma participativa, acompanhando, assessorando e assegurando o cumprimento das ações cotidianas das unidades Educacionais do Sistema Municipal de Ensino.

A escola envia o Projeto Político Pedagógico à coordenadora - responsável pela região norte de Campinas - da NAED. A coordenadora, segundo relato da professora Zirlene e segundo a devolutiva do PPP de 2012, está cobrando mais coerência no planejamento da EMEI. Consta no relatório da coordenadora pedagógica, para homologação do PPP, que: “os planos de ensino das professoras evidenciam para este ano a necessidade de aprofundar a articulação entre objetivos, ações, conteúdos e especialmente avaliação, considerando o eixo do Projeto Político. Valeria ainda deixar claras as ações específicas e os parâmetros de avaliação voltados para o desenvolvimento dos projetos das turmas apresentados pelas professoras, bem com o indicar, em sua rotina, os tempos e espaços destinados a essas. Cabe ressaltar, mais uma vez, que a concepção de currículo da equipe educacional da Unidade de Ensino se revela nesses momentos. Por isso, entende-se que essa concepção, subjacente a todo planejamento, necessita ser discutida e esclarecida coletivamente, com mediação da O.P. bem como os critérios e procedimentos de registros e de avaliação, visando a objetividade da mesma. **Se a organização do trabalho pedagógico dá visibilidade às diferentes tendências e**

---

<sup>19</sup> Fonte: <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/educacao/naeds/index.php>, acessado em 08/10/2012.

**formações profissionais, a concepção de currículo permitiria certa unidade e coerência entre elas – daí a importância de tê-lo como ponto comum.** Vale neste ponto lembrar que o Regimento Escolar Comum das Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino de Campinas situa a perspectiva curricular de nosso sistema de ensino, em torno da qual a escola necessita se organizar.” (grifo meu).

A cobrança de cima é: que a escola avance no sentido de melhor articular sua proposta e desta com a dos professores. Segundo sua concepção de currículo, a unidade e a coerência entre as diferentes tendências é importante. O problema é que muitas vezes essas tendências são, sutilmente, opostas entre si. E pedir unidade, em meio à oposição, é o mesmo que pedir neutralidade. Portanto, das diferentes tendências e formações profissionais que a escola dá visibilidade requer-se neutralidade.

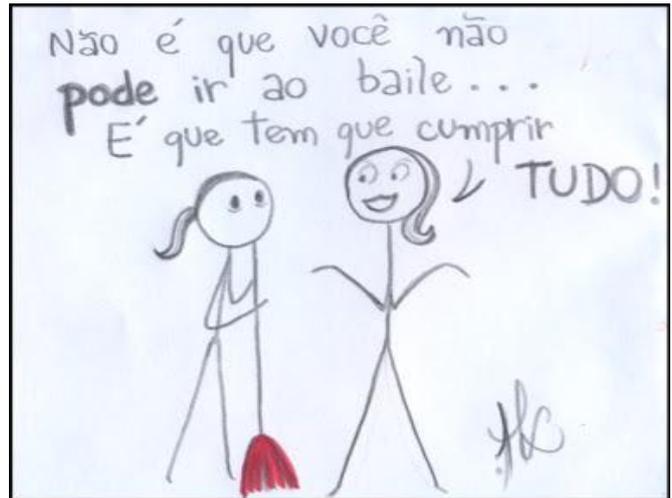
Neutralidade no planejamento pedagógico escolar pode se aplicar para os métodos, mas não há neutralidade de ética ou postura política, nem pode haver. Por exemplo: ou se é contra o aborto ou a favor dele, não dá para deixar a criança na barriga e impedi-la de nascer. Ou seja, o real caminho para se chegar a um fim (*methodos*) necessita ser um só. Afinal, o que se pretende em cada escola é uma unidade escolar.

Educar para a autonomia é uma postura política. Ou o professor educa para a autonomia ou ele deixa por escrito que educa. Educar para a *máxima pujança do ser humano* (autonomia) é encontrar Freinet pelo caminho, dar-lhe um abraço, e prosseguir com ele, e com muitos outros pedagogos, autores, filósofos. Juntos.

Perguntei às professoras como fica decidido e acordado com a *direção* que elas trabalham na Pedagogia Freinet. Minha hipótese era de que ficasse tudo legalizado no Projeto Político Pedagógico. E de fato fica, mas a professora Zirlene me explicou que não necessariamente teve que se apresentar como “professora Freinet”. Sua base metodológica aparece em seu planejamento, Freinet e outros estão lá. Mas como a escola - como a maioria das escolas - recebe um grupo de professores bastante heterogêneo, cada um faz seu planejamento de acordo com suas opções pedagógicas, e tudo o que é posto no PPP tem que ser realizado! Ela explicou: “por isso não ficam fechados em Freinet, senão todo mundo teria que trabalhar dessa maneira”.

Só uma observação: todos ficam *fechados* em autonomia e... *Trabalham* dessa maneira?

Em conversa com a Silvinha, me contou que está havendo uma cobrança de que não pode trabalhar na sala algo que não foi acordado no planejamento, nem colocar no planejamento algo que não vai se trabalhar. Mas isso não está dito claramente. O que está posto é que tem que ser trabalhado *tudo* o que foi acordado.



Pelo que li do planejamento geral da escola, pretende-se estabelecer a unidade na Unidade através de um tema em comum, “Cuidar da nossa escola e das relações sociais”. Mas quero refletir sobre isso. Como unificar por meio de um tema tão amplo como a vida? E mais, como unificar a prática por meio de um *tema*? A unidade de uma escola não deveria começar pelo esclarecimento da abordagem metodológica?

Se um grupo de professores busca “o caminho para chegar a um fim”, estou bem certa de que eles serão unânimes em suas intenções! Mas, indo para mais além, para a escolha das técnicas (reflexo e reflexão do ideal na prática), a reunião vai se alongar.

Alguns não vão aceitar, por exemplo, que cada criança seja livre para estudar o que quiser, com a possível justificativa de que precisam de limites; e precisam ficar quietas para aprender o alfabeto – silenciadas para aprender a ler. Outros vão preferir entregar ao menos um pouco do controle para a criança, porque não têm problemas em lidar com imprevistos e espontaneidades da vida, além de acreditarem que “a espontaneidade só pode ser limitada quando, do contrário, resultem prejuízos para o indivíduo e a sociedade em que vive.” (MOREIRA, 1955, p. 189).



Por fim, provavelmente cairão no discurso da neutralidade, isento de juízo de valor, e que permite a cada professor escolher a técnica e o método que quiser, que acredita, que aprendeu; seja essa técnica ou método reflexo de uma sociedade adultocêntrica ou não.

Com tal neutralidade assumida, o adultocentrismo não é bom ou mau: não fica resolvido - pois ele próprio não se sujeita a isso. Logo, as crianças certamente não terão espaço nessa discussão: os adultos decidirão por elas na reunião de adultos. Algumas poucas vão protestar - do jeito que sabem - e receber o rótulo de aluno problema e, por fim, conseguir mudar para uma sala que lhes dê um pouco mais de tempo e espaço para viver.

Em meio à neutralidade, tenta-se chegar à unidade. Pretende-se chegar à unidade através de um tema. Na EMEI Agostinho Pattaro, esse tema, amplo como a vida, permite à vida entrar na sala de aula. Assim, os temas cotidianos, com força bruta e elaborada, vão se ramificar, licita e ilicitamente: conforme o professor, conforme a turma, conforme a criança.

É por conta da infinitude de temas possíveis para o trabalho que as práticas da Pedagogia Freinet demandam empenhadíssimas reflexões, uma vez que o trabalho se dá por centro de interesses, e estes, por sua vez, se expressam por meio de planos gerais - anuais/mensais - e individuais - semanais. (FREINET, 2001).

Temas que se ramificam não são uniformes. Assim, a unidade pretendida por meio do tema se perde. E tudo bem que se perca. O que não é bom é a unidade ser pretendida dessa maneira.

Unidade para quê? Palavras e mais palavras responderiam. Em suma: para a ordem e o progresso.

Acabamos querendo ordem e progresso porque estamos em uma sociedade progressista, capitalista. Onde estamos com a cabeça! "Não se pode falar de educação sem amor", e "amar é um ato de coragem", já disse o acadêmico Paulo Freire. Um ato de decisão, como expressa Hannah Arendt:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inaceitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é também onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar

de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-se, em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (1992, p.247).

Por que não o *amor* como princípio de toda educação e o afeto, como seu parâmetro de qualidade?! Portanto, o controle de qualidade seja feito, mas com qualidade.

O professor fechar a porta e fazer o que bem quiser não é prudente, pois, quando se quer defender direitos, o caminho não é boicotar as regras! O caminho é se abrir para uma unidade que seja positiva - e não "positivista". O caminho deve ser político, transparente e livre para sustentar as manifestações, pois como bem defende Hanna Arendt: "A função da política é a liberdade".

Controle de qualidade seja feito. Sem ninguém esquecer a serviço de quem deve estar essa qualidade: a serviço da criança!

E já que se quer, de qualquer jeito e não de um jeito qualquer, controlar a qualidade a distância, que então seja a criança servida pelo professor. O professor servido pela Orientadora Pedagógica e Diretora e estas, servidas pela Secretaria Municipal de Educação. A Secretaria Municipal servida pela Estadual. A secretaria Estadual servida pelo Ministério da Educação.

Acontece que na realidade o buraco é ainda mais em baixo...



A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo. Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: Isso é o nosso mundo. (ARENDR, 1992, p.239).

## V. ESCOLA DEMOCRÁTICA?

Diante de toda hierarquia de nosso sistema educacional, pergunto: será realmente democrática a educação que estamos acostumados a ver na escola pública? A criança tem o *seu* lugar na escola? Ou apenas ocupa um lugar socioespacial?

Por que faço essas perguntas?

Primeiramente, por conta de a Pedagogia Freinet ser, em sua origem e essência político-filosófica, uma pedagogia de escola democrática.

Freinet é referência para os educadores que praticam uma proposta pedagógica e uma estrutura de **gestão cooperativa**; tanto em vias internas quanto em vias externas à escola, como se tem hoje com a FINEM<sup>20</sup>, da qual participam centenas de escolas, centros de pesquisa e educadores. No entanto, a FINEM e as escolas Freinet articulam-se pouco com as demais redes de escolas democráticas. É possível que essa distância decorra do fato de muitas escolas introduzirem apenas os dispositivos pedagógicos criados pelo educador francês, mas não se estruturarem democraticamente. (SINGER, 2010, p. 46-47).

Uma escola realmente democrática, ou seja, com uma pedagogia realmente pretendida por Célestin Freinet, é aquela que atua por meio de:

[...] propostas educativas que se negaram à aplicação do dispositivo disciplinar no processo de socialização de seus estudantes. Optaram por fazer da infância um período de felicidade, responsabilidade, autenticidade, autodeterminação, respeito ao invés de uma fase marcada por tristeza, dor, esforço, antecipação, regulação. Isso não significa que a disciplina esteja ausente desses ambientes. Em todas elas, há regras que devem ser respeitadas e, na maioria, a penalidade é prevista como possibilidade nos casos em que são violadas. A distinção está no fato de que tais regras se restringem ao **espaço da convivência** e no fato de que tanto as regras quanto as punições são decididas por todos. É nesse sentido que as escolas democráticas devem ser confrontadas com a pergunta foucaultiana sobre a possibilidade de pensar diferente. (ADORNO, 1994 apud SINGER, 2010, p. 23; grifo meu).

<sup>20</sup> Em 1948, Freinet criou a FINEM. Em cerca de cinquenta países, inclusive no Brasil, há a Federação Internacional dos Movimentos de Escola Moderna (FINEM), dedicada à multiplicação das propostas do educador francês Célestin Freinet (1896-1966).

O segundo motivo dessas perguntas tem a ver com o que li no livro República de Crianças, de Helena Singer, em que a autora descreve a filosofia, o surgimento e o desenvolvimento de escolas democráticas ao redor do mundo. Reparei que é possível e preciso ir muito mais além, na educação. Essa leitura me serviu de alerta, suscitando muitas reflexões: até onde eu quero ir, enquanto pedagoga? Quero ser “professora Freinet” solitária em uma escola pública? Quero trabalhar em uma escola pública desigual? E quanto às escolas democráticas, completamente reformuladas? São radicais ou essenciais para a formação humana?

Ouve-se por aí que são escolas alternativas. Compreendo o termo alternativo como sendo a busca por mudar, alternar, alterar; em oposição ao que permanece, ao que é tradicional. No entanto, enquadrar escolas democráticas no termo alternativo parece limitar e enfraquecer esse movimento diante da escola hegemônica.

No fundo, acredito que existem apenas dois modelos de escola: o único e todos os outros!

Opor-se à supremacia de um pretenso progresso racionalizador não é - não pode ser - uma oposição de palavras. Trata-se de uma oposição que afirma e que assume todos os outros modelos como legítimos, próprios, reais, próximos da realidade e das necessidades do ser humano. Alternativas possíveis. Ocorre que:

[...] muito do silêncio acadêmico a respeito das escolas democráticas parece dever-se a uma postura ofensiva destas escolas, relacionada com um grande desprezo e uma profunda crítica aos métodos pedagógicos, considerados subterfúgios técnicos para imprimir nos estudantes um desejo artificial pelo aprendizado. (...) A avaliação sobre estas experiências é sempre feita do ponto de vista dos valores da sociedade capitalista – quantos de seus estudantes conseguem entrar na faculdade, quantos logram lugares de destaque no mercado de trabalho. Com base nestes critérios avalia-se o “fracasso” ou o “sucesso” destas instituições. Os seus educadores, por sua vez, ao invés de assumirem a negação destes valores e construírem outros critérios para a sua avaliação, silenciam ou apenas reforçam a crítica em relação ao sistema educacional dominante. (SINGER, 2010, p. 19).

Em entrevista com a professora Zirlene, perguntei-lhe sobre a possibilidade de a escola pública ser uma escola verdadeiramente democrática. “A gente sonha com essa possibilidade, não é? Mas existem muitas dificuldades mesmo. Aqui a

gente esbarra em uma rotina da escola; então, no nosso trabalho, embora exista liberdade para as crianças escolherem e para fazermos um planejamento reflexivo, acabamos esbarrando no calendário imposto pela secretaria e na rotina da escola, a qual por ser muito grande temos que respeitar horário de lanche, de parque... É meio incoerente, e é difícil lidar com isso”.

Sei que estamos, nós professores, em larga medida com pés e mãos atados pela burocracia escolar. O que podemos fazer é pouco, mas a pequena ação transformadora no espaço em que somos autônomos pode ter uma repercussão e um resultado maior do que o que imaginamos; sem dúvida, no mínimo conseguiremos mais do que insistindo na pálida apatia conformista que nos reduz a meros reprodutores da mesmice. (GALLO, 2001, p. 38).

E as crianças também questionam, conta Zirlene. “Então o que a gente procura colocar é ser bem sincero e falar: dentro das nossas possibilidades a gente vai criar nossa rotina, dentro do espaço que a gente tem. E eles conseguem perceber isso, que somos um grupo, e que precisamos dar possibilidade para as outras turmas irem também ao parque, ao lanche, à piscina”.

Zirlene disse procurar promover a democracia na escola negociando e explicando às crianças recém-chegadas que: “dentro da nossa escola temos que seguir algumas regras que não foram combinadas pelo nosso grupo, já existem e que nós vamos ter que nos adaptar a elas. Infelizmente é dessa forma...”

A “utopia política da modernidade” – formulada por Sérgio Adorno como “formação de cidadãos livres, dotados de autonomia de vontade, capazes de orientar seu comportamento por móveis racionais e ciosos de que, vivendo a experiência da liberdade individual, podem conhecer e participar do mundo das liberdades públicas” – apesar de fortalecida em momentos críticos como o nosso, **ainda não foi transformada em um projeto de educação generalizado**. Ao contrário, a sociedade moderna é uma sociedade profundamente escolarizada, que forma indivíduos submissos, dependentes e inseguros.

Desenvolvem-se esforços reiterados no sentido de controlar ambientes, coisas e pessoas, diante da existência de inimigos reais (os operários, os partidos radicais, os intelectuais de avant-guard) ou difusos (a pobreza, a doença, a loucura, a

criminalidade, a prostituição, a criança abandonada). (ADORNO, 1991 apud SINGER, 2010, p. 21).

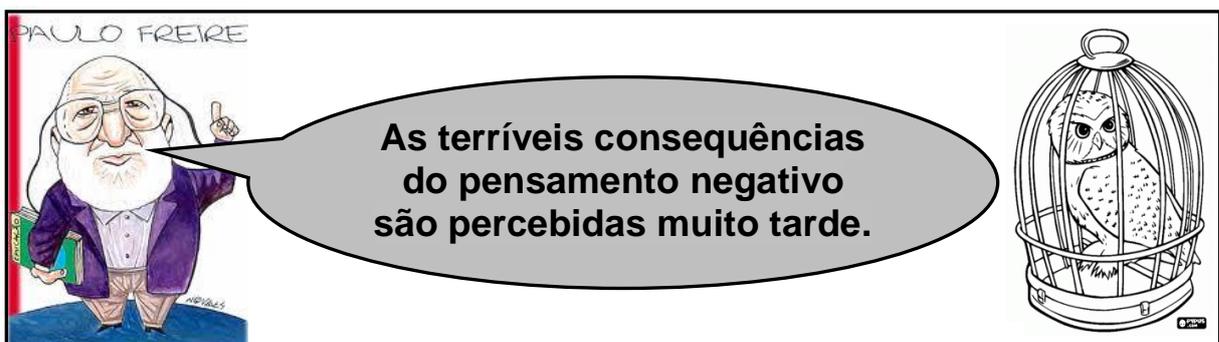
Enquanto escrevia este trabalho, refletia se acaso eu não estaria exagerando ao reclamar do adultocentrismo e de todo o controle na educação. Freinet já reclamava dessas coisas, para ele, inaceitáveis.

Considero que não, não é exagero. Olhando para o dia-a-dia de uma sala, pode parecer que ali exista apenas um controle natural de *crianças*. Mas olhando mais amplamente para a instituição escolar, é possível enxergar o controle em potencial de *seres humanos* que a escola vem exercendo desde que foi *instituída*.

Assistindo ao documentário “Escolarizando o Mundo - O último fardo do homem branco” <sup>21</sup>, dei-me conta de que a boa educação, pela qual Freinet também lutava - em contato com a natureza e cultura local, a serviço da comunidade e da criança em sua máxima especialidade/potencialidade - nada tem a ver com a “escola de boa qualidade” ditada pelo pensamento hegemônico, já difundido em todo o planeta. Esse documentário foi para mim um alerta vermelho: a escola instituída *para todos* está (quase?) completamente devorada pela globalização (capitalismo, *american way of life*, industrialização... como preferir). Não é brincadeira, não é conspiração.

Não vamos nos enganar com o para todos: é justamente por se tratar de *uma* escola para todos que a democracia fica comprometida, na tentativa de inserí-la em uma instituição já padronizada, controlada, estabelecida por superiores de superiores. Enquanto escola(s) para todos, de verdade, significa *uma* escola *para cada* comunidade, com democracia própria, significativa.

Então, como fica a escola *democrática* de Freinet? É possível na escola pública? Ou melhor, é *impossível* para a escola pública?



<sup>21</sup> Site oficial: <http://schoolingtheworld.org>, acessado em 14/11/12.

Por ordem de interesses e prioridades, **de cima pra baixo** nunca haverá espaço para a Pedagogia Freinet na escola pública. Se questionarmos “os de cima”, acredito que vão responder: “por que não!”.

Mas se perguntarmos aos “de lado”, aí sim haverá autonomia, ou melhor, auto-governo.

A Pedagogia Freinet é possível quando um **conjunto de pessoas** atua nas brechas, nas condutas não-oficiais, não-impostas, não-exigidas. E não é por atuar nas brechas que vamos ter sentimento de fracasso ou inferioridade por conta do alternativo. A Pedagogia Freinet não é proibida na escola pública. Não encontramos nas leis nenhuma linha a respeito. Ela não é ilegal, mas não é legítima.

Na Educação Infantil, há mais espaço e tempo para atuar nas propostas da Pedagogia Freinet que nas outras etapas da educação básica. Pude observar vários pontos de intersecção entre a Pedagogia Freinet e as práticas das professoras na EMEI Agostinho Pattaro. E esses pontos em comum, até bastante comuns na Educação Infantil - Roda, Cantinhos, Livro da Vida - podem ser potencializados na medida em que as professoras levarem a democracia a sério entre as crianças e, principalmente, a serviço delas.

Esses princípios são possíveis de serem trabalhados em uma turma, não necessariamente na escola toda. Silvinha demonstra que em sua sala acontece um trabalho democrático: sempre fazendo votação, sempre respeitando as diferentes opiniões. Considera o momento da roda como momento de assembléia, diário.

Quando perguntei a essa professora sobre a possibilidade de a escola toda ser democrática, ela me respondeu que acredita ser possível, e, se dependesse dela, seria assim no Agostinho Pattaro. Mas me mostrou um grande paradoxo existente, o qual impede que isso aconteça: “A escola tem que ser democrática, mas você tem que ver também que tem gente que não concorda com a democracia”. Então em nome da democracia ficamos sem democracia!

Silvinha manifesta seu desejo de ir além da democracia (de)limitada de sua sala. “Eu sonho com uma escola que não seja dividida por sala de aula, onde as crianças tivessem a oportunidade de passar por todas as salas, ao menos em determinado período da escola.”



Ela acredita que um caminho para a escola ser toda ela democrática é unir um corpo docente com 100% de “gente que acredita” na escola democrática. Contou que algumas escolas em Campinas começaram um movimento que defende que o professor escolha seu local de trabalho pelo projeto pedagógico da escola, não pela localidade. “É um caminho, se todos da escola concordam”. Enquanto isso, em nome de uma gestão democrática, escolas como a EMEI Agostinho Pattaro não são escolas democráticas!

“É difícil mesmo... Explicar tudo isso é difícil. Você não é uma coisa na escola e outra com sua família, com o resto da sociedade. Se na vida não tem forma democrática, na sala não dá, não vai. Na vida a gente tem sonho, mas é meio difícil e não impossível”, diz a professora.

É importante citar aqui experiências de escolas públicas, democráticas, brasileiras. São elas: EMEF Desembargador Amorim Lima, em São Paulo/SP <sup>22</sup>, e mais recente, o Projeto Âncora, em Cotia/SP <sup>23</sup>.

De tudo o que vi, pensei e escrevi na minha formação, uma coisa é certa para mim: eu carrego comigo uma escola que, de fato, acredita na vida, confia na criança, aposta no coletivo. Em uma escola que será, ou caminhará para ser, essencial e estruturalmente **democrática**.

<sup>22</sup> <http://amorimlima.org.br/>, acessado em 14/11/12.

<sup>23</sup> <http://www.projetoancora.org.br>, idem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



### Um encontro inesperado...

Depois de muita leitura, pesquisa e reflexão, fiz uma pausa no meu estágio na Agostinho Pattaro. Ausentei-me de lá por um bom tempo, deixando as crianças e ficando com as palavras de suas professoras. Foi então que, ao final deste trabalho, retornei à EMEI para buscar alguns registros das crianças, a fim de incluí-los nele.. Nesse retorno, tive uma surpresa com a Mariana. Diante daquela menina tão cheia de vida, afeto, entusiasmo... Só tive forças para sorrir, com profunda sinceridade, ao constatar que a vida ali acontecia enquanto eu “TeCeCia”, e da Mariana mesmo eu nem sabia!

Sem que eu me apresentasse, sorriu ao se aproximar de mim. Quanta atenção! E sem que eu lhe pedisse, guiou-me pela mão até o lugar da exposição de fim de ano. Sem que eu perguntasse, me mostrava o seu trabalho e o dos colegas.

Eu estava ao seu lado, lembrando do que disse Korczak (1981): não é descer ao nível da criança que cansa, mas sim *eleva-nos* ao nível de seus sentimentos. “Subir, ficar na ponta dos pés, estender a mão. Para não machucá-las.” (p. 11).

Admirei-me do quão dedicada é a frágil força de uma criança, quão limitada a tentativa de formular um método para atendê-la, quão desastrosa é a tese acadêmica para tentar entendê-la. Quem é a criança? *Aquela* é a Mariana...

“Se você não voltar a ser como uma criança não entrará no reino encantado da Pedagogia.” (Freinet)

Eu quero entrar no reino da pedagogia da criança. Luto pela inovação, quero o novo, amo os novos! Depois de muitas linhas rolarem, muito cursor piscar, muito caminho avistado e ainda a avistar, dou-me conta de que Freinet não está à frente para que eu o siga, mas atrás, acenando com todo seu entusiasmo e encorajamento.

Termos, generalizações de termos,  
Definições, contra-definições,  
Conceitos, aceitos ou não...

Tudo isso é um querer-definir-para-identificar-e-controlar-e-limitar-o-querer.

Em outras (por favor, outras!)

Palavras:

É falta de poesia na cara!

### **Depois de tudo, o que ficou... E o que virá!**

Até aqui, tratei de (re)conhecer como pode ser desenvolvida a Pedagogia Freinet na escola pública EMEI Agostinho Pattaro. Optei por esse tema de pesquisa pois quero atuar como professora, em escola pública, tendo elegido como referencial a prática escolar do pedagogo Célestin Freinet. Concordo plenamente com suas Invariantes Pedagógicas, as quais, em suma, fazem oposição aos castigos, às imposições autoritárias, à passividade, à falta de sentido, procurando estabelecer na educação: a democracia, o trabalho, a disciplina, o respeito e a liberdade de escolha.

Considero que o diferencial dessa pedagogia, diante de outras, revela-se pelo fato de que Freinet não se deteve às teorias de psicologia infantil, como fizeram os escolanovistas. Seu objetivo para a educação não se prendeu à tentativa de prender a atenção das crianças. Freinet foi além, apoiado em Rousseau e Pestalozzi, acreditando na bondade natural da criança e na liberdade como alavanca para o desenvolvimento de toda potencialidade humana. E, para completar, propunha uma educação pelo trabalho, pois que assim se fazia imbuída de sentido além de significativa para toda a comunidade. Ou seja, uma educação que, ao mesmo

tempo, tirava a criança da infantilização e de uma escolarização adultocêntrica, tradicional.

Observei que na EMEI Agostinho Pattaro, no trabalho das duas professoras entrevistadas, Silvinha e Zirlene, as técnicas de Freinet contribuem muito para fazer da relação professor/aluno uma relação de respeito, a favor da autonomia e da democracia. Sem se deixar “bitolar”, essas professoras fazem uso da Pedagogia Freinet de maneira equilibrada, coerente, em parceria entre elas, e de acordo com o esperado pela escola.

Tanto a diretora quanto a coordenadora pedagógica estão em total acordo com o estilo dessas professoras. É importante lembrar que a escola toda tem sido influenciada com a Pedagogia Freinet, como, por exemplo, pela iniciativa que elas tiveram em fazer a horta e exposições de final de ano.

Concluo que o professor que leva a sério princípios como autonomia e democracia naturalmente concorda com o que há de mais essencial da Pedagogia Freinet. Portanto, rótulos como “professora Freinet” tornam-se dispensáveis quando, em comum acordo, pretende-se uma educação que vá **além** da ordem e do progresso - fatores legítimos do pensamento hegemônico.

Então volto para a enquete inicial, que apresentei na Introdução. É possível ser um professor atuante na Pedagogia Freinet, na escola pública?

Sim, é possível ser um “professor Freinet” na escola pública, mas... Em parte.

É possível viver a Pedagogia Freinet sem qualquer impedimento quando o coletivo escolar pretende viver uma escola diferente e prepara os alunos para a vivência democrática.

Essas possibilidades são na realidade **escolhas!** Ou até, ousadia de escolha!

Mas se o interesse por uma pedagogia democrática for **nosso**, nada impede de irmos mais além do que o previsto.

Concordando com Paulo Freire, “a solução não está em ‘integrar-se’, e em ‘incorporar-se’ a esta estrutura que nos oprime, mas em transformá-la para que possamos nos fazer ‘seres para si’”. (2002, p. 61).

A primeira condição para todos esses ideais deixarem de ser coisa que a gente sonha talvez seja abandonar a mesmice dos compromissos, as meia-medidas, a inércia, para atender de vez à urgência de inovar ao menos uma escola pública: aquela a que eu pertencer.

“O meu coração estava preso às crianças, a sua felicidade era a minha felicidade – elas deviam ler isso na minha frente, perceber isso nos meus lábios, a cada instante do dia.”

(Pestalozzi)



## REFERÊNCIAS E FONTES

ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL AGOSTINHO PATTARO.  
**Projeto Político Pedagógico**. 2012.

### REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. **Entre o passado e o futuro**, 1991. In: SINGER, Helena.  
**República de Crianças: Sobre Experiências Escolares de Resistência**.  
Campinas: Mercado de Letras, 2010. p.21.

ADORNO, Sérgio. Introdução: um pensamento desconcertante. In: Adorno S,  
organizador. **Michel Foucault – escritos**, 1994. In: SINGER, Helena.  
**República de Crianças: Sobre Experiências Escolares de Resistência**.  
Campinas: Mercado de Letras, 2010. p.23.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W.  
Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1992. pp.239 e 247.

ESCOLARIZANDO o Mundo – O último fardo do homem branco. Direção: Carol  
Black. Produção: Jim Hurst, Mark Grossan, Neal Marlens. [Telluride]: Lost  
People Films, 2010. 1 DVD (65 min.).

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São  
Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p.485.

FOUCAULT. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel  
Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.121.

FREINET, Célestin. **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. Portugal:  
Estampa, 1975. p.45.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Bom Senso**. Tradução: J. Batista. 6 ed.  
São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Para uma Escola do Povo**. Lisboa: Presença, 1978; São  
Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREINET, Élise. **Nascimento de uma Pedagogia Popular**. Tradução: Rosália  
Cruz. Lisboa: Estampa, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, São Paulo: Paz e Terra, 2002. p.61.

GALLO, Silvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-  
disciplinar. In: ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite (orgs.). **O sentido da  
Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KNELLER, George. **Introdução à Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro,  
Zahar Editores, 1971. p.166.

KORCZAK, J. **Quando eu voltar a ser criança**. Yan Michalski (Trad.). 12 ed. São Paulo: Summus, 1981. p.11.

MOREIRA, João Roberto. **Introdução ao estudo da escola primária**. Rio de Janeiro: MEC/INEP, 1955. p.189.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet – Evolução Histórica e Atualidades**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

SINGER, Helena. **República de Crianças: Sobre Experiências Escolares de Resistência**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

---